



Universidade Federal  
da Integração  
Latino Americana

Mestrado em Integração  
Contemporânea na América Latina  
ICAL

**A POESIA MAPUCHE CONTEMPORÂNEA COMO REFLEXO IDENTITÁRIO E  
FERRAMENTA DE PRESERVAÇÃO DO MAPUDUNGUN**

Patricia de Moura Leite

Foz do Iguaçu, agosto 2016.

Universidade Federal  
da Integração  
Latino Americana

Mestrado em Integração  
Contemporânea na América Latina  
ICAL

## **A poesia mapuche contemporânea como reflexo identitário e ferramenta de preservação do mapudungun**

Trabalho de conclusão do curso de Mestrado em Integração Contemporânea na América Latina de Patricia de Moura Leite, para obter a aprovação do título de mestra em Ciências Políticas na linha de pesquisa de Integração, Cultura e Sociedade sob a Orientação da Professora Doutora Clara Agustina Suarez Cruz.

Foz do Iguaçu, agosto de 2016.

Leite, Patricia de Moura

A POESÍA MAPUCHE CONTEMPORÂNEA COMO REFLEXO IDENTITÁRIO E FERRAMENTA DE PRESERVAÇÃO DO MAPUDUNGUN; Patricia de Moura Leite. Foz do Iguaçu, 2016. 74f.

Orientadora Professora Doutora Clara Augustina Suarez Cruz. Dissertação (Mestrado - Integração Contemporânea na América Latina) Universidade Federal da Integração Latino Americana UNILA Foz do Iguaçu.

1. Análise Histórica do Povo Mapuche. 2.A Oralidade e a Escrita. 3. A Poesia mapuche de Elicura Chihuilaf. 4. Poesia, língua e identidade Mapuche. Augustina Suarez Cruz, Clara; A Poesia Mapuche Contemporânea como Reflexo Identitário e Ferramenta de Preservação do Mapudungun.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA, UNILA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA AMÉRICA, UNILA

### DEFESA DA DISSERTAÇÃO

Data Da Defesa Pública: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ Hora: \_\_\_\_\_

Título da dissertação: \_\_\_\_\_

Mestrando (a): \_\_\_\_\_

e-mail: \_\_\_\_\_

Orientador(a): \_\_\_\_\_

e-mail: \_\_\_\_\_

Co-orientador(a): \_\_\_\_\_

e-mail: \_\_\_\_\_

### BANCA EXAMINADORA

Examinador(a) 1: \_\_\_\_\_

e-mail: \_\_\_\_\_

Examinador(a) 2: \_\_\_\_\_

e-mail: \_\_\_\_\_

Examinador(a) 3: \_\_\_\_\_

e-mail: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) Mestrando(a)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Orientador(a)

Dedico esta dissertação à minha mãe Dirce pelo amor e apoio incondicional; A minha orientadora Professora Clara Augustina Suarez Cruz, ao professor Gerson Ledezma e ao poeta Elicura Chihuailaf que com atenção, generosidade e paciência me mostraram caminhos significativos para minha pesquisa.

Agradeço a todas as pessoas que de algum modo me ajudaram a realizar esta dissertação. Em especial ao meus irmãos Júlio e Magui pelo incentivo e apoio sempre presentes.

“Desde la cima se puede calar  
un abismo de alas de pequeños pájaros  
y ser el dueño de los ojos que alcanzan  
el invisible canto que descifra  
las señales del viento”.

“Wente wigkul ta zugullelayafuy  
kiñe wegan pvchike mvpv vñvm  
ka gengeael zitu kintuel pu ge  
pegekenoel chi vi nentukunum  
kimfalpeyvm ta chi kvrvf”.

Elicura Chihuailaf

## Resumo em Português

A língua fala muito sobre a cultura e costumes de um povo, ela significa mais que meras palavras, ela representa o que sabemos o que somos. A situação das línguas indígenas no Chile e na América Latina, entre elas o mapudungun é ameaçada de perda e extinção. A oficialização do mapudungun e de outras línguas originárias, é antes de tudo, uma luta política de descolonização, tão importante quanto a luta pelas terras usurpadas.

A autonomia idiomática na América Latina implica em restabelecer o valor das línguas originárias com iguais direitos e hierarquias com o espanhol, reconhecendo que formam parte da identidade. O mapudungun é um dos patrimônios que definem a identidade do povo mapuche.

Poetas mapuches têm explorado possibilidades significativas e expressivas de linguagem, identidade, vivências pessoais, preservação de seu idioma e de seus saberes ancestrais. A poesia mapuche parece apresentar uma dinâmica intercultural muito interessante ao ser representada em espanhol e mapudungun, demonstrando desse modo o plurilinguismo e a diversidade cultural existente na região que hoje conhecemos por Chile.

Partindo do ponto identitário de que a poesia mapuche reflete diretamente e indiretamente os sentimentos, vivências pessoais e saberes do cidadão contemporâneo mapuche, e que por intermédio da análise dessa poesia, possa se formar parte da imagem identitária e a preservação dos saberes do poeta que a escreve, como se expressa então a identidade deste poeta: mapuche ou chileno? De que modo essa poesia pode agregar mudanças significativas no processo de integração Latino Americano? Seria a poesia mapuche uma ferramenta utilizada para a preservação dos saberes e identidade mapuche? A poesia seria também utilizada como um instrumento de preservação de identidade e da língua mapudungun?

A pesquisa demonstrará a dinâmica intercultural existente na poesia mapuche representada no mapudungun e no espanhol como imagem identitária mapuche e de revitalização da língua como um dos elementos de integração e reconhecimento da diversidade existente no Chile.

O objetivo desta pesquisa foi analisar a importância dos saberes mapuches transmitidos pela língua mapudungun na tradição oral e escrita,



incorporados na poesia mapuche de Elicura Chihuailaf. A dinâmica intercultural apresentada em mapudungun e espanhol utilizada nas poesias, representa a preocupação que os poetas têm de levar adiante não só a cultura oral mapuche, senão que também, representa a história de seu povo, identidade e a preservação de seu idioma mapudungun.

**Palavras chaves:** língua, oralidade e escrita, identidade e a poesia mapuche.

## Resumen en Español

La lengua habla mucho sobre la cultura y las costumbres de un pueblo, ella significa mucho más que meras palabras, ella representa lo que sabemos, lo que somos. La situación de las lenguas indígenas en Chile y en la América Latina, entre ellas el mapudungun es amenazada de pérdida y extinción. La oficialización del mapudungun y de otras lenguas originarias, es ante todo, una lucha política de descolonización, tan importante cuanto la lucha por tierras usurpadas.

La autonomía idiomática en América latina implica restablecer el valor de las lenguas originarias con iguales derechos y jerarquía con el español, reconociendo que forman parte de la identidad. El mapudungun es un patrimonio que define la identidad del pueblo mapuche.

Poetas mapuches tienen explorado posibilidades significativas y expresivas de lenguaje, identidad, vivencias personales, preservación de su idioma y de sus ancestrales. La poesía mapuche parece presentar una dinámica intercultural muy interesante al ser representada en español y mapudungun demostrando de este modo el plurilingüismo y diversidad cultural existente en la región que hoy conocemos por Chile.

Partiendo del punto identitario de que la poesía mapuche refleja directamente e indirectamente los sentimientos, vivencias personales y saberes del ciudadano contemporáneo mapuche, e que por intermedio del análisis de esta poesía, se pueda formar parte de la imagen identitaria y la preservación de los saberes del poeta que la describe, ¿cómo se expresa la identidad de este poeta: mapuche o chileno? ¿De qué modo esta poesía puede agregar cambios significativos en el proceso de Integración Latino Americano? ¿Sería la poesía mapuche una herramienta utilizada para la preservación de los saberes e identidad mapuche? ¿La poesía sería también utilizada como instrumento de preservación de la identidad y de la lengua mapudungun?

Esta pesquisa demostrará la dinámica intercultural existente en la poesía mapuche representada en el mapudungun y en el español como imagen identitaria mapuche y de revitalización de la lengua como uno de los elementos de integración y reconocimiento de la diversidad existente en Chile.

El objetivo de esta pesquisa fue analizar la importancia de los saberes mapuches transmitidos por la lengua mapudungun en la tradición oral y escrita incorporados en la poesía mapuche de Elicura Chihuailaf. Tales definiciones traen no solo características identitarias del ciudadano contemporáneo mapuche como

también traen características muy importantes de la cultura y de sus saberes. La dinámica intercultural presentada en mapudungun y español utilizada en las poesías, representa la preocupación que los poetas tienen de llevar adelante no solo la cultura oral mapuche, sino que también representa la historia de su pueblo, la identidad y la preservación de su idioma mapudungun.

**Palabras llaves:** lengua, oralidad y escrita, identidad y la poesía mapuche

## Sumário

Introdução.....	01
Estrutura da Dissertação.....	03
Metodologia.....	04

### Capítulo 1 Sobre o Povo Mapuche

1 Análise Histórica do Povo Mapuche desde a colonização até os dias de hoje.....	05
2 O Fim da autonomia mapuche e o começo de sua inserção na sociedade chilena.....	08
3 Cosmvisão Mapuche.....	12
1 A Simbologia das Cores.....	15
2 O aspecto mítico: A historicidade do mito.....	17
1.4 A língua mapudungun e a autonomia idiomática.....	22
1.4.1 As dificuldades linguísticas enfrentadas.....	23
1.4.2 Identidade e Autonomia Mapuche.....	25

### Capítulo 2 Da Oralidade a Escrita

2.1 Desenvolvimento da Literatura Mapuche da Oralidade à Escrita.....	29
2.2 Consolidação da Literatura Mapuche.....	32
2.3 A Oralidade Absoluta.....	33
2.4 A Oralidade Inscrita.....	34
2.5 A Escrita Própria.....	36
2.6 Da consolidação da literatura à poesia mapuche.....	37

### Capítulo 3 A poesia mapuche e Elicura Chihuailaf

3.1 A Poesia Mapuche Contemporânea.....	42
3.2 Sobre Elicura Chihuailaf .....	43
3.3 Oralitor e mapuche habitado de uma chilenidade.....	45
3.4 Análise da obra de Elicura Chihuailaf.....	47
3.4.1 Sobre o texto: “ <i>Recado de mis Recados</i> ” de Elicura Chihuailaf no livro, <i>Historias y Luchas del Pueblo Mapuche</i> .....	49
3.4.2 A transcrição do mapudungun para o espanhol e os saberes mapuches no livro “ <i>De Sueños y Contra Sueños</i> ” de Elicura Chihuailaf.....	50

### Capítulo 4 Poesia, Língua e Identidade Mapuche

4.1 A poesia mapuche representada em mapudungun e espanhol.....	58
4.2 A Língua.....	61
4.3 A Imagem identitária Mapuche.....	62
4.4 Reconhecimento da Diversidade Existente no Chile.....	64

<b>Conclusão</b> .....	66
<b>Bibliografia</b> .....	69

## Introdução

A busca pela uniformidade nacional da colonização espanhola no Chile e logo da consolidação da independência do século XIX, fixou o espanhol como língua materna da maioria da população oficial para todo o país e para todos os usos. Devido a esse processo, a identidade dos povos originários e as mestiçagens, acabaram por ocupar um lugar secundário e marginal no Estado.

A cultura chilena está constituída por uma série de elementos hispânicos e europeus trazidos pelos soldados, missionários e colonos que se misturaram de modo variado com elementos de distintos povos originários preexistentes à sua chegada, como por exemplo os aymaras, diaguitas, chango, quéchua, rapa nui e os mapuches que foi o povo originário que mais resistiu na defesa e manutenção de seu território, tradições e valores ancestrais.

Os mapuches resistiram mais de trezentos anos ao invasor, porém no final do século XIX a luta termina a favor dos invasores. Desde então o povo mapuche de livre e autônomo e com a perda de seus territórios, passa a ser uma classe dominada e dependente da sociedade chilena. Essa mudança resulta tanto no campo econômico como no social na segregação dos mapuches e na migração dos mesmos aos centros urbanos.

As mudanças que sofreram os mapuches no decorrer da história e também pelas relações desiguais vivenciadas primeiramente com espanhóis e depois com a sociedade chilena influenciaram no comportamento do povo mapuche. Entre essas expressões comportamentais, se consolidou uma literatura de alto nível, na qual se destaca a poesia escrita que tem como base a oralidade e os saberes transmitidos de geração a geração.

Poetas mapuches têm explorado nas últimas décadas por meio de suas poesias, possibilidades significativas e expressivas de linguagem, identidade, vivências pessoais, preservação de seu idioma e de seus saberes ancestrais. Para exemplificar esse processo, utilizaremos a poesia mapuche de Elicura Chihuailaf que se adequa perfeitamente a essa forma de expressão com originalidade e autenticidade, uma vez que a poesia mapuche, diferencia-se do modelo dominante de poesia no Chile onde predominam os modelos europeus.

A poesia mapuche parece apresentar uma dinâmica intercultural muito interessante ao ser representada em espanhol e mapudungun, demonstrando deste modo o plurilinguismo e a diversidade cultural existente na região que hoje

conhecemos por Chile. Ao pensar nesta dinâmica podemos pensar que a mesma está conectada não só as questões identitárias como também territoriais e do reconhecimento do povo mapuche como nação.

Partindo do ponto identitário de que a poesia mapuche reflete diretamente e indiretamente os sentimentos, vivências pessoais e saberes do cidadão contemporâneo mapuche, e que por intermédio da análise dessa poesia possa se formar parte da imagem identitária e a preservação dos saberes do poeta que a escreve, como se expressa então a identidade deste poeta: mapuche ou chileno? De que modo essa poesia pode agregar mudanças significativas no processo de integração Latino Americano? Seria a poesia mapuche uma ferramenta utilizada para a preservação dos saberes e identidade mapuche? A poesia seria também utilizada como um instrumento de preservação da identidade e da língua mapudungun?

Por considerar que o mapudungun era uma língua ágrafa até finais do século XX, dentre outras abordagens, será apresentada nesta dissertação uma análise da tradição oral mapuche, uma vez que esta, antecede a poesia escrita mapuche e possui grande importância na formação identitária da poesia escrita contemporânea dos poetas mapuches. Essa tradição foi transmitida de geração a geração, expressando conhecimentos sobre a história, a natureza e a espiritualidade.

Acreditando que a poesia escrita seja uma ferramenta que não só possui um valor identitário importante, como também expresse parte dessa herança recebida através da tradição oral, será aqui apresentada uma análise sobre o desenvolvimento da literatura mapuche da oralidade à escrita e do valor histórico representado por ela.

O objetivo desta pesquisa foi analisar a importância dos saberes transmitidos pela língua mapudungun na tradição oral e escrita incorporados na poesia mapuche. Tais definições trazem não só características identitárias do cidadão contemporâneo mapuche, como também trazem características muito importantes da cultura e de seus saberes. A dinâmica intercultural apresentada em mapudungun e espanhol utilizada nas poesias, representa a preocupação que os poetas têm de levar adiante não só a cultura oral, mas também a história de seu povo e a preservação de seu idioma mapudungun.

Tendo como base esses princípios, a investigação iniciará com o conhecimento histórico do povo mapuche desde a colonização até os dias de hoje

de modo que possamos compreender melhor como se dá o processo da imagem identitária do poeta contemporâneo mapuche e o porquê da preocupação em preservar e revitalizar o mapudungun e os saberes mapuches. Após essa análise partiremos para a cosmovisão mapuche e suas simbologias, em que a historicidade do mito terá grande importância, uma vez que a tradição oral mapuche nos traz a riqueza desses elementos perpetuados até os dias de hoje.

### **Estrutura da Dissertação**

A Estrutura da Dissertação é formada por quatro capítulos. No primeiro capítulo será mostrada a história, a situação econômica do povo mapuche e aspectos de sua cultura, dando ênfase ao contato inter étnico chileno mapuche e sua influência sobre a formação da identidade mapuche. Nesse capítulo mostraremos também como se expressa parte da cosmovisão mapuche, abordando temas como a simbologia das cores e das representações míticas para poder compreender a importância da presença destes elementos na poesia mapuche.

No capítulo dois trataremos sobre a língua, descrevendo o desenvolvimento da literatura mapuche da oralidade à escrita, servindo também de introdução à poesia mapuche, onde iremos comentar o lugar que a língua assume na poesia chilena e os problemas enfrentados em seu reconhecimento. Nesse capítulo foi parafraseado algumas partes da tese linguística de J.A Moens cujo foco de atenção está no estudo das expressões de identidade na literatura mapuche contemporânea e na poesia mapuche particularmente, partindo da suposição de que a poesia reflete diretamente os sentimentos e as experiências do poeta, e que por meio da análise da poesia forma-se a imagem da identidade do poeta em questão.

No capítulo três fará a análise das obras poéticas de Elicura Chihuailaf, uma vez que sua poesia ilustra esta pesquisa. Nesse capítulo, apresentaremos uma breve biografia do poeta que se autointitula oralitor habitado de uma chilenidade.

No quarto e último capítulo, serão analisados os resultados mais importantes da pesquisa e apresentada a conclusão da dissertação ressaltando a dinâmica intercultural existente na poesia mapuche representada no mapudungun e no espanhol como imagem identitária mapuche e a revitalização da língua como elemento de integração e reconhecimento da diversidade existente no Chile.

### **Metodologia**



A Análise do Discurso é uma prática da [linguística](#) no campo da Comunicação, e consiste em analisar a estrutura de um texto e a partir disso compreender as construções ideológicas [presentes](#).

O discurso em si é uma construção linguística atrelada ao contexto [social](#) no qual o texto é desenvolvido. Ou seja, as ideologias presentes em um discurso são diretamente determinadas pelo contexto político-social em que vive o seu autor. Mais que uma análise textual, a análise do discurso é uma análise contextual da estrutura discursiva em questão.

As [práticas](#) discursivas geram também outros âmbitos de análise do discurso, que consistem na competição entre vários emissores para atingir um mesmo público alvo. A partir disso, os emissores precisam inteirar-se do contexto da vida do seu receptor, para que deste modo possam interpelá-lo segundo sua própria ideologia, fazendo com que assim, sua mensagem seja recebida e assimilada pelo receptor sem que o mesmo perceba que está sendo alvo de uma tentativa de convencimento, por assim dizer.

Ao analisarmos o discurso presente na poesia mapuche podemos encontrar elementos discursivos de constituição histórica e identitária que nos trazem a reflexão e uma abordagem mais ampla sobre a importância de preservar sua cultura, língua e saberes, permitindo-nos compreender melhor parte desse processo que atua diretamente na constituição de identidade desse povo.

Em resumo o objeto de análise desta dissertação será o discurso poético de Elicura Chihuailaf e os campos explorados serão os saberes mapuches, a identidade, a língua mapudungun e sua tradição oral e escrita na poesia.

## Capítulo 1: Sobre o Povo Mapuche

### 1.1 Análise histórica do povo mapuche desde a colonização até os dias de hoje

Segundo o antropólogo e historiador José Bengoa, existem vestígios da cultura mapuche há cinco séculos antes de Cristo. Em seu livro *Histórias do Povo Mapuche*, o historiador nos mostra que os mapuches formavam uma sociedade de horticultura, de caça, coletora, possuindo um regime de vida que lhes permitiu crescer enormemente, estabilizarem-se em um território determinado e chegar a construir uma cultura pré agrária de grande força e desenvolvimento. Estima-se que a população no momento da chegada dos espanhóis, variava de 800 mil a 1 milhão de indivíduos.

Segundo o historiador Carlos Ruiz Rodriguez, no livro *Histórias e Lutas do Povo Mapuche* de todas as nações originárias da América foi o povo mapuche o que mais resistiu à conquista espanhola. Foi um dos mais independentes politicamente, com uma economia de sobrevivência equilibrada, que lhe dava autonomia para manter intercâmbio com outros povos. O povo mapuche lutou por mais de três séculos contra o invasor, primeiro o espanhol e mais tarde o chileno mais tarde. Essa longa resistência foi possível graças à unidade sólida do "povo da terra", cuja estrutura social, apesar de simples era bastante homogênea: não havia e não há entre eles classe dominante e dominada, senão um modo de produção em que predomina o coletivismo. As bases são as famílias, unidas na comunidade. Não houve classes poderosas, no máximo houve linhagens e pessoas com mais recursos do que outros, sem constituir grupos e relações opressivas.

Mientras brillantes civilizaciones como la Azteca y la Inca cayeron en poco tiempo bajo el dominio de Castilla, al quedar sometidas sus cabezas y clases dominantes, el pueblo mapuche combatió durante más de tres siglos al invasor, primero el español, chileno después.

RODRIGUEZ, 2008, p.59

Os mapuches, puderam resistir mais de trezentos anos, graças ao fato de que se constituíram rapidamente como um povo com experiência guerreira, sem haver sido bélicos por natureza. Habitavam desde a bacia do rio Copiapó até Chiloé Continente e grande parte da Ilha Grande de Chiloé. Desde o Atlântico até o

Pacífico. O território mapuche abarcou grande parte dos atuais Estados nacionais de Chile e Argentina.

Entre os rios Itata e Toltén habitou parte da Nação Mapuche que melhor pôde resistir aos conquistadores. Eles receberam o nome errado de Araucanos, termo inventado pelos espanhóis e aceito pelos historiadores de visões eurocentristas. Do Tolten ao sul, os Mapuches são conhecidos como Huilliches (Willi Che = pessoas do Sul).

Mais importante que as três divisões que equivocadamente, tornaram a história clássica, de norte a sul (picunches, mapuches ou araucanos e huilliche) são as divisões que os próprios mapuches fazem de acordo com a sua identificação com determinado território, de leste a oeste: puelche (povo do oriente, na atual Argentina); pehuenche (pewenche, pessoas de pehuen ou Araucária, na Cordillera de los Andes), huenteche (wentenche, as pessoas das terras altas, no Chile), nagche (povo das planícies) e lafkenche (pessoas da costa). Com todos esses nomes, devemos reconhecer um mesmo povo nação originário.

Em todos o *wallmapuche* se falava mapuche dëngun (ou mapundëngun), com pequenas diferenças regionais. Juntamente com a unidade da língua, estava a homogeneidade da estrutura social e a comunidade de cosmovisão, pensamento e religião.

A chamada "Guerra de Arauco" constitui-se da Cordilheira Central e regiões da costa. Esse movimento bélico passou por várias fases, na medida em que o povo Mapuche foi reconquistando seus territórios ancestrais e estabelecendo relações de fronteira com os invasores. Essa guerra foi geralmente irregular, já que era frente de caráter frontal e contínuo. A forma de guerra de movimentos (deslocamentos de mapuches em massa), combinados com ações de pequenos grupos, como guerrilheiros, hostilizavam os invasores com emboscadas e ataques. Os movimentos eram rápidos e os espanhóis não encontravam os responsáveis, que se dispersavam com perfeito conhecimento do terreno, até chegar às comunidades de origem.

Os espanhóis chegaram a estabelecer alianças com algumas comunidades e regiões estabelecendo vínculos, o que tornou possível aos primeiros, competir com as grandes massas de mapuches rebeldes, porém era também um obstáculo para os espanhóis, já que às vezes os próprios aliados rebelaram-se e outras vezes eram rebeldes que fingiam dar a paz, e quando os invasores iam para a guerra estes confiavam em seus supostos aliados e eram atacados por eles. Quando os espanhóis acreditavam ter apasiguado o "Reino do Chile", os mapuches, se levantavam destruindo estâncias, minas e cidades e tudo que simbolizava seu submetimento. De 1612 a 1624 os espanhóis mudaram de tática

passando da guerra tática defensiva, para a ofensiva. Os invasores invadiam o território mapuche, tomando escravos, matando guerreiros e destruindo casas e recursos agrícolas. Nos séculos XV e XVI, houve uma série de conflitos e, também, tentativas de acordos entre espanhóis e mapuches, mas no entanto continuou a luta. Depois de vários parlamentos, ficou a terra em relativa paz, até que esta foi quebrada pelo projeto espanhol de fundar vários povos em território mapuche.

De 1810 a 1825, durante a guerra da independência, muitos mapuches preferiram apoiar os espanhóis já que nos parlamentos haviam prometido ser aliados e não acreditavam nas promessas de igualdade feitas pelos patriotas, cuja política era a de integrar os mapuches à sociedade, para ocupar suas terras.

Consumada a independência as promessas de igualdade não foram cumpridas: as autoridades do Estado chileno seguiram o caminho dos conquistadores, e quando os políticos e empresários chilenos decidiram ocupar a terra de mapuches para distribuí-las entre colonos e latifundiários, e integrá-los na economia agro-exportação reprimiram a invasão, para concordar com o governo argentino para cercar os Mapuche pelos dois lados. Isso foi falsamente chamado de "Pacificação da Araucanía" (1859-1882), e o que o argentino chamam de "Campanha do Deserto" conceito também falso, já que as terras que seus militares ocupavam não estavam desertas, mas sim possuídas há séculos pelo povo mapuche. A luta durou até 1882. Desde então, os mapuches não são respeitados. Chilenos políticos das classes dominantes e o estado buscaram sua integração na sociedade chilena, por meio de submissão, sem respeitar as diferenças de cultura e pensamento ou o direito ancestral de suas terras e seu direito à autodeterminação. Resultado disso foi a discriminação. Paralelamente, usurparam as terras mapuches por vários mecanismos econômicos e jurídicos.

Na década de 70 o presidente Salvador Allende tentou solucionar a ameaça constante da usurpação das terras e destruição dos sustentos materiais e imateriais da cultura mapuche que se transforma na lei 17.729 de setembro de 1972, porém essa iniciativa durou pouco, uma vez que com o golpe militar de 1973 se reproduziu uma dura repressão contra as organizações mapuche e trouxe consigo a contra reforma agrária pela qual o Estado voltou a tirar as terras de seus ancestrais proprietários. As autoridades da ditadura instalada em 1973 propuseram entregar o campo chileno e mapuche à voracidade da economia capitalista mundial, fechando a fase de desenvolvimento urbano, para que o Chile voltasse a ser uma economia agroexportadora. Desde então e com o poder que dão às armas, implantou-se uma nova ordem para as terras mapuches, que tem sido o maior golpe contra as comunidades nativas, particularmente mapuche, não apenas a partir de 1881, mas

talvez desde 1540: divisões de terras das comunidades e o estabelecimento da propriedade individual.

Danos ambientais e culturais contra o povo mapuche agravaram-se após o golpe militar 1973, devido ao fenômeno da exploração das florestas em áreas descobertas e com erosão, pelo qual empresas obtiveram recursos que lhes permitiu não só adquirir novas terras desmatadas, mas também na redução da floresta nativa.

A ditadura militar foi além do que previa seus antecessores, ao impor pelo decreto 2568, de 1979, a divisão das terras das comunidades, e a atribuição de títulos individuais, quebrando o tradicional esquema de uso da terra e alienando as famílias e as comunidades. Desde então, perderam-se muitas das conquistas através de séculos de luta.

O atual "direito indígena" (19.253, de 1993) não resolve os problemas do povo mapuche, não tendo mecanismos de aplicação prática, já que não há nenhuma vontade política para dignificar o povo Mapuche. Também não é reconhecido como povo senão apenas como étnia, o que elimina a possibilidade de exigir seus direitos como povos nativos.

De acordo com Carlos Ruiz Rodríguez em seu livro "*Histórias e Lutas do Povo Mapuche*", uma nova relação entre a sociedade global e os povos originários podem ser um significativo aporte à solução de alguns aspectos do conflito indígena como a incompreensão e a discriminação. Essa nova relação deve ser uma atitude vital, presente na vida cotidiana, desenvolvida pelos indivíduos, e a atitude deve se entrelaçar através dos meios de comunicação do sistema educativo de todos os níveis. Trata-se de que o país adote um caráter pluriétnico e multicultural afim de que reencontrando-se com as sociedades originárias ganhe a sociedade na cultura, valores transcendentais e ainda na qualidade de vida ao permitir uma convivência mais sadia e harmoniosa, base que pode impulsionar o verdadeiro desenvolvimento.

## **1.2 O fim da autonomia mapuche e o começo de sua inserção na sociedade chilena**

A derrota de 1881 pôs fim a autonomia do povo mapuche e marca o começo de sua inserção na sociedade chilena. Em 1884 o processo de radicação já planejado que significa a realização de reservas indígenas, as chamadas "reduções". Segundo os historiadores José Bengoa e Wilsom Cantoni nas décadas seguintes, grupos mapuches são radicados em terrenos de uma extensão limitada dos quais passam a ser donos legais mediante um "título de merced". De 1884 a

1919 são concedidos 3078 títulos que correspondiam a um número igual de reduções. Os grandes agrupamentos mapuches são subdivididos em um grande número de comunidades reduccionais o que tem como consequência que o poder dos caciques principais se descentraliza, passando a mãos dos caciques locais (chefes das comunidades), que são os possuidores formais dos *títulos de merced* e os responsáveis da repartição. Bengoa nos mostra que uma considerável quantidade de pessoas não foi radicada. Estima-se que os mapuches que ficaram sem terras equivaliam a um terço da população.

Pelas medidas de radicação a sociedade mapuche sofreu mudanças profundas em muitos aspectos, particularmente econômico. Encerrados em suas reduções e desterrados dos seus amplos territórios de pastoreio, os mapuches se viram obrigados a mudar seu modo de vida e sistema de produção. Os produtores de gado se transformaram em camponeses, praticando agora de maneira muito mais intensiva a agricultura. Isso sem suficiente preparação e com falta de conhecimento e tecnologia necessários para cultivar as terras limitadas de maneira sustentável.

En el período posterior a la radicación, a consecuencia de un proceso de minifundización causado por enajenaciones y usurpaciones de tierras mapuches, y por un rápido crecimiento de la población mapuche, continúa deteriorándose la relación hombre tierra: el promedio de hectáreas por persona, que era de 6,1 durante el período de radicación, a fines de los setenta fluctúa entre 0,9 y 1,4.

CANTONI, 1978 p.275

Segundo Bengoa essa enorme perda em quantidade vai acompanhada de uma perda em qualidade, fortes pressões sobre a terra levaram à intensificação do uso dos salários e o direito consequente de sua fertilidade e produtividade devido à escassez de terras aptas para o cultivo e pastoreio de animais, baixando o nível de produção nas comunidades mapuches. A deteriorização progressiva durante o presente século da situação econômica mapuche se expressa não somente nos baixos níveis de vida, senão também na proletarização. Mediante a venda de mão de obra, o mapuche faz um intento de aumentar seus ingressos e de melhorar as condições de vida. O trabalho assalariado fora das comunidades, na grande maioria dos latifúndios faz-se de forma permanente ou se alterna com trabalho por conta própria. Devido ao avanço do empobrecimento do povo mapuche, as autoridades chilenas tomam poucas medidas diretas para deter esse processo. Aos mapuches por exemplo, nunca lhes foi concedido um papel significativo no desenvolvimento da agricultura no sul. A política de integração que busca uma rápida assimilação do mapuche à sociedade chilena, que se realiza mediante a absorção da mão de obra e

de suas terras em um sistema de grande propriedade latifundista. Na prática, isto significaria a transformação dos mapuches em chilenos e a desaparecimento do povo mapuche.

A preocupação real do Estado, sempre foi a extinção da propriedade especificamente indígena, o que se concretiza na meta central da divisão das comunidades. A divisão das comunidades é uma solução do problema econômico mapuche desde o ponto de vista dos interesses dos grandes latifundiários, dado que significaria uma concentração das terras agrícolas. Dessa forma trataram de efetuar a divisão das comunidades mapuches por meio de diversas leis e decretos a partir de 1927, porém o mapuche resiste firmemente a dividir suas comunidades legalmente constituídas, uma vez que essa resistência é a última proteção para suas terras e sua cultura.

A pesar de las presiones persistentes para lograr la división, el mapuche logra conservar mayoritariamente sus comunidades indivisas a lo largo de medio siglo. Una considerable cantidad de comunidades, sin embargo, fueron divididas compulsivamente durante el gobierno militar: por lo menos 2.000 en el período de 1979 a 1990. El decreto ley de 1979 había establecido que no existían ni tierras indígenas ni propietarios indígenas, porque sólo había chilenos. Por esa igualdad formal, los mapuches se vieron privados de toda forma de protección legal.

BENGOA, 1992, p.242-243

Depois da ditadura, a situação parece ir mudando positivamente para os mapuches. Na Nova Ley Indígena aprovada em 1993, o Estado afirma reconhecer não só o povo mapuche como etnia indígena do Chile, senão também a terra como o fundamento principal da sua existência e cultura. Sobre os deveres do Estado e da sociedade chilena para com os indígenas apresenta o Título 1, Parágrafo 1º da ley: “é dever da sociedade em geral e do Estado em particular, através de suas instituições, respeitar, proteger e promover o desenvolvimento dos indígenas, suas culturas, famílias e comunidades adotando as medidas adequadas para tais fins e proteger as terras indígenas, velar pela sua adequada exploração, por seu equilíbrio ecológico e tender a sua ampliação”. São promessas que dão a esperança de que a solução do problema indígena não siga consistindo na destruição ou negação. Como foi dito, a incapacidade da agricultura e da terra mapuche para sustentar uma população crescente, teve como consequência o empobrecimento e a proletarização de parte importante dos camponeses mapuches. A deterioração da situação econômica do mapuche, no entanto foi outro efeito importante: a migração até as cidades.

Junto a la carencia de tierra en las comunidades mapuches – obviamente el factor clave en el proceso migratorio – y las divisiones, han tenido gran

impacto los cambios en la economía regional: las modernizaciones y reconversiones – del trigo a la ganadería – en los latifundios, realizadas en las últimas décadas, han significado menos trabajo temporal en la región y una subsiguiente intensificación de la migración mapuche

HAUGHNEY; MARIMÁN, 1993, p.7-10

Particularmente as gerações jovens são as que se dirigem às cidades, na esperança de que a nova situação lhes ofereça melhores oportunidades de desenvolvimento. Porém pelo baixo nível de escolaridade, o alto grau de analfabetismo e a discriminação racial contínua, a grande maioria dos migrantes segundo Cantoni, incorporam-se aos estratos mais baixos do proletariado urbano.

Atualmente no século XXI o enfrentamento entre as comunidades mapuches, o Estado, empresários e chilenos se remontam e perduram como antes. O conflito em torno à propriedade das terras foi crescendo, ao considerar-se uma dívida histórica, já que a legislação supõe que todos os indivíduos que viviam em um território determinado se transformavam automaticamente em cidadãos, tendo no plano jurídico normativo os mesmos direitos e deveres que o resto da população. Além da luta territorial há uma profunda preocupação em preservar sua cultura, uma vez que os mapuches veem a manutenção dos costumes, as tradições, da religião e da língua, sua sobrevivência como povo.

Os historiadores José Bengoa e Wilson Cantoni opinam que o sistema das reduções facilitou a conservação de uma cultura mapuche distinta, diferenciada da cultura dominante. A comunidade reducional, diz Bengoa, se transformou em um espaço de reprodução cultural. Enquanto que nas reduções, a identidade mapuche é vivida intensamente, fora desta, começa a manifestar-se claramente, já nas primeiras décadas deste século, uma atitude de rejeição da mesma identidade. A negação total ou parcial, das origens está vinculada à integração geralmente pouco exitosa do mapuche na vida social chilena; muitos dos mapuches que, em busca de trabalho, emigram desde suas reduções às distintas cidades do país, se viram enfrentados com uma discriminação racial persistente.

O desejo de integrar-se e de melhorar sua posição social leva os mapuches que vivem no contexto chileno, a ocultar sua condição de indígena. No mais extremo dos casos negam completamente a vida anterior, elimina-se toda característica do ser mapuche – inclusive o sobrenome - na tentativa de branquear-se de ser considerado como se fosse chileno. A internalização dos estereótipos manejados pelos chilenos é vista como um fator determinante na adoção dessa atitude integracionista, já que resulta na autopercepção negativa e uma menor autoidentificação como mapuche.



Da história do povo mapuche descrita anteriormente, se pode concluir que as relações entre a sociedade mapuche e a sociedade nacional chilena se caracterizou e segue caracterizando-se, por conflitos. Percebe-se além os prejuízos e estereótipos como um elemento relevante. A cultura que domina tende a desqualificar a cultura dominada, quando os espanhóis “civilizados” expressam seu enorme desprezo pelos povos originários araucanos ao denominá-los bárbaros ou selvagens. A oposição entre civilização e barbárie ou entre modernidade e cultura indígena, se mantém até hoje, igual às valorizações negativas do mapuche originadas por ela, ainda que, os estereótipos primitivos de bárbaro ou selvagem tenham sido realçados por outros. Descrevem o mapuche contemporâneo como: bêbado, ladrão, índio, sujo, pouco inteligente, fraco, lento, entre outros.

O Estado e a sociedade se encontram em uma encruzilhada, continuar com a política de intolerância e conflito que caracterizou largos períodos da história do Chile, ou encaminhar-se a superá-lo por via do diálogo do respeito mútuo, do reconhecimento, da reparação do dano histórico cometido.

Os mapuches, por sua parte, tratam de obter um espaço na sociedade e se opõe às intenções, às políticas do Estado. Durante todo o século vinte organizaram-se para manter vivos seus costumes, formas de vida e cultura herdadas de seus antepassados. Nos últimos vinte anos, como parte da redemocratização e modernização do país, a sociedade mapuche adquiriu renovadas energias e demandas cada vez maiores de um lugar na sociedade. Foi produzida uma sorte de emergência mapuche, sobre tudo no sul do país, a qual não é sempre compreendida pelo resto da sociedade chilena. Novas lideranças, conflitos ambientais, exigências de participação e protagonismo, revitalização de costumes, introdução à educação bilingue nas escolas e a saúde intercultural nos hospitais, municipalidades em mãos de prefeitos mapuches, grande quantidade e presença de profissionais, intelectuais e poetas mapuches são alguma das expressões dessa emergência indígena. É um processo de enorme vitalidade que contribui a aumentar o respeito e o valor à diversidade no Chile, um elemento indispensável para uma democracia moderna.

Para refletir a respeito da diversidade existente no Chile, com atenção especial ao fator identitário dentro do discurso poético, necessitamos não só um embasamento histórico como foi possível ver anteriormente, mas também precisamos compreender um pouco sobre a cosmovisão mapuche e suas simbologias que muito tem haver com a identidade mapuche. A espiritualidade vem a ser o elemento central do equilíbrio na sociedade mapuche que acredita que a força da natureza e de seus ancestrais dão lugar ao seu pensamento, cosmovisão, idioma e cultura como poderemos constatar a seguir.

### 1.3 A Cosmvisão Mapuche

A cosmologia mapuche é muito ampla, abarca distintos e quase todos os aspectos de suas vidas. Não está separada do espiritual, ao contrário, o espiritual está em constante presença em seu cotidiano. Um dos pontos mais relevantes em sua maneira de ver, é que os seres humanos da terra concebem o mundo natural, como uma réplica do sobrenatural. (GREBE, 1972, p.50)

O povo mapuche tem sua própria história, medicina, vestuário, arquitetura, esporte, joias, valores de sua identidade herdados de seus ancestrais. E assim também está o espiritual e o cósmico, que é um estilo de vida. Essa cultura se expressa por meio de seu idioma (mapudungun) e também pelo vínculo que possui com a natureza.

A cultura e os saberes estão diretamente relacionados com o *Walmapu*<sup>1</sup> que é o entorno do universo onde tudo é circular desde o fogão, à *rhuka*<sup>2</sup>, o *kultrung*<sup>3</sup>. Os conhecimentos transmitidos pelos anciãos são muito valorizados e lhes permite observar e tratar de entender a natureza e imitá-la, cuidar e conviver com ela. Os mapuches respeitam o que existe na natureza porque acreditam ser parte dela e não superiores. Para eles a terra é seu principal sustento e ao morrer, acreditam que serão devolvidos ao ventre da *Nuke Mapu*, a Mãe Terra. Para eles o Universo lhes apresenta distintas energias: positivas, negativas, masculinas ou femininas e estas devem estar em equilíbrio para que se tenha boa saúde para viver em harmonia. (GREBE, 1972, p.50-52)

Segundo María Ester Grebe antropóloga chilena que publicou diversos artigos sobre o tema aqui apresentado, o mapuche concebe o cosmos como um conjunto de sete plataformas que são todas quadradas e de igual tamanho. Agrupam-se em três regiões cósmicas:

**Wenu mapu** (terra de cima) o *meli ñom wenu* (4 lugares de cima). Quatro plataformas do bem, onde residem os deuses, os espíritos benéficos e os antepassados.

**Anka wenu** (meio de cima) e *minche mapu* (terra de abaixo). As duas plataformas do mal, zonas escuras habitadas pelos espíritos maléficos.

---

1 País Mapuche

2 Casa

3 Instrumento semelhante a um tambor

**Mapu** (terra): A terra o mundo natural habitado pelos mapuches, onde habitam os mapuches com as forças do bem e do mal. Acredita-se que as sete plataformas foram criadas em ordem descendente, tomando como modelo a terra mais alta, recinto dos deuses criadores.

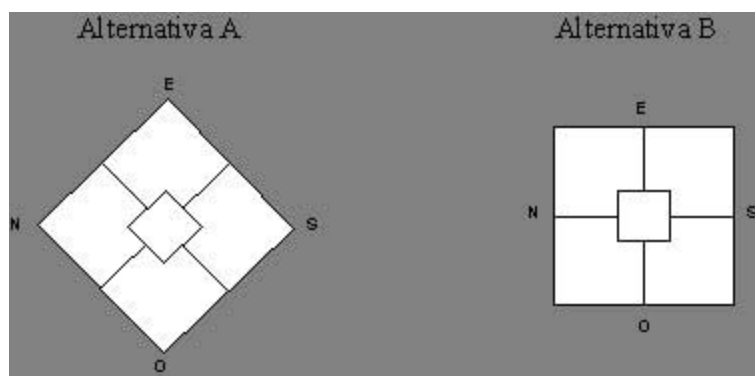


Figura 1:

**La plataforma terrestre: dos posibles representaciones (Grebe 1972: 52).**

Cada uma dessas plataformas tem sua dimensão horizontal orientada segundo os quatro pontos cardiais. A plataforma terrestre, como as outras, está dividida em quatro partes iguais: os quatro lugares e regiões. Por essa razão a terra mapuche se denomina também “a terra dos quatro lugares” (*meli witrán mapu*). Conforme a dita divisão espacial, o povo mapuche se divide em quatro grupos que residem nas quatro regiões: os *pehuenche* (gente do Leste), os *hullinche* (gente do Sul), os *picunche* (gente do Norte) e os *lafkenche* (gente do Oeste). Os mapuche dizem que os deuses os mandaram viver nos quatro lados da terra.

Na figura 1 encontra-se a representação esquemática da plataforma terrestre. Para os mapuches, os quatro pontos cardiais têm distintos valores simbólicos. Grabe, observa que a simbologia está ligada fortemente a fenômenos naturais, climáticos ou geográficos e a seus efeitos na agricultura e o bem estar geral da população mapuche. As quatro direções estão associadas também a certos seres sobrenaturais. O Leste e o Sul são regiões com muitas conotações simbólicas positivas, como por exemplo: bom vento, bom tempo, boa colheita, saúde e boa sorte. Ao contrário, o Oeste e o Norte são regiões de mal tempo, de doenças, da morte e da má sorte. Dos quatro, o Leste é o lugar ótimo e de importância primordial.

Todas as rogativas aos deuses, espíritos e antepassados se dirigem a esse lugar, onde nasce o sol e se estende a imponente Cordilheira dos Andes. O Oeste é o polo oposto do Leste. Pelos frequentes maremotos e inundações e por sua associação com os espíritos maléficos, o Oeste é qualificado como o pior dos quatro pontos cardinais.

O *wenu mapu* (quatro plataforma do bem) é o lugar de resistência dos espíritos benéficos e dos antepassados. Nesse mundo há harmonia, equilíbrio, tranquilidade, ordem e hierarquia. Cada ser espiritual tem sua posição fixa, a organização dos deuses e dos espíritos é feita em diferentes famílias que estão compostas em quatro membros: Um pai/esposo, uma mãe/esposa, um filho e uma filha. Os mapuches acreditam que a partir dos deuses criadores geram-se primeiro os deuses jovens e logo todas demais famílias de deuses e espíritos, além dos homens. (Grabe, 1972, p.64-65)

A finalidade geral dos deuses e espíritos é “velar pela ordem e a preservação da vida e bem estar do criado”. Os poderes e capacidades desses seres sobrenaturais, no entanto, são múltiplos e variados, cada família tendo sua função específica. Há por exemplo os deuses dos quatro pontos cardiais (quatro famílias: Do Leste, Sul, Norte e Oeste), que definem as condições meteorológicas, cada família dirigindo o vento proveniente de seu ponto cardinal respectivo. (GREBE 1972, p.68-69)

Os espíritos benéficos, segundo se acredita, são os antepassados dos mapuches que viveram na terra de cima. No *wenu mapu* habitam tanto espíritos de caciques antigos e de *machi* (chamanes) antigos, como de pessoas comuns falecidas (GRABE 1972,p.66).

Os antepassados protegem e ajudam a sua família e parentes vivos; desempenham um papel mediador entre os homens da terra e as divindades maiores. A responsabilidade por parte dos vivos até seus antepassados consiste em respeitar e manter as tradições para que os antepassados gozem de “tranquilidade e beatitude eterna”.

### **1.3.1 A Simbologia das cores**

Para os Mapuches as cores são muito mais que somente ondas de luz já que aportam sentidos à cosmovisão da cultura. As cores têm um significado muito

especial devido a que o sentido de uma cor varia dependendo das suas associações com outras cores.

Destacamos que as cores preto, branco, vermelho, amarelo, verde e azul, têm muito sentido na cultura Mapuche e possuem variações cromáticas que se explicam pelo tipo de energia que emergem dela. Os sentidos das cores se manifestam em diferentes peças têxteis como meios de comunicação de estatus e posição dentro da comunidade. As cores azul, branco, preto, vermelho e verde estão presentes na representação da bandeira mapuche como poderemos ver mais adiante. O azul é uma cor sagrada, destaca-se na escala de cores pelo seu caráter específico: a associação direta do azul com o céu e a divindade. Além do mais, a cor simboliza a força positiva presente na natureza, em especial na água, e tudo o que é bom em geral. Por suas conotações puramente positivas, o azul obteve um significado muito especial na cultura mapuche.

O azul e a cosmovisão são referências muito importantes nas poesias de Elicura Chihuailaf como poderemos constatar mais tarde ao analisarmos seus poemas, onde a cor azul se destaca, evidenciando a relação do poeta com a cor, relacionando suas vivências, os antepassados, o cotidiano e tudo o que influenciou como cor na sua vida, o qual ele denomina sonho azul.

O branco segundo Grabe, contém o mesmo valor simbólico que o azul. O preto e o vermelho estão associados às plataformas cósmicas do mar. A cor preta simboliza a noite e a escuridão, a bruxaria, os espíritos do mal e da morte. O vermelho por sua vez, simboliza a luta e o belicismo, o sangue que flui. Ambas cores também possuem conotações positivas. Quando o vermelho significa o sangue da menstruação, representa a vida; o vermelho é também a cor do *copihue* (flor do campo, usada em cerimônias). O preto pode simbolizar o poder, especialmente dos *lonkos* (chefes da comunidade) sendo a cor privilegiada de sua vestimenta. Em combinação com o branco, o preto significa equilíbrio e estabilidade. O verde segundo Grebe simboliza a natureza em todo seu esplendor e exuberância. É a cor da mãe terra e da fertilidade. É a cor natural da vegetação, da germinação da terra e da fertilidade. É a cor da mãe terra, da própria terra, o verde para o mapuche tem conotações positivas. Como pudemos ver nas simbologia das cores, assim como na concepção do mundo mapuche, que o espiritual e o cósmico fazem parte do seu cotidiano, e vem a ser um dos pontos mais relevantes em seu estilo de vida. Devido a relevância em abordar estas crenças, a seguir faremos uma análise do aspecto

mítico onde poderemos encontrar o valor e a historicidade representadas nas simbologias e no mito.

### 1.3.2 O aspecto mítico: A historicidade do mito

A tradição oral é parte do patrimônio não material de uma comunidade e se manifesta por meio de diferentes formas faladas, por exemplo: cantos populares, contos, simbologia, mitos, lendas, poesia. As mensagens os testemunhos transmitidos verbalmente através da canção e podem tomar a forma, por exemplo, de contos populares, refrãos, romances, canções ou cantos. Dessa maneira, é possível que uma sociedade possa transmitir seus saberes por meio das sucessivas gerações sem necessariamente ter um sistema de escrita.

O mito funciona como referência básica do imaginário constitutivo dos povos apresentando-se pela voz da ancestralidade dimensionada em/por um tempo originário que se faz ouvir/acionar por um narrador ou de um texto narrado. (Orlandi, 1984, p.263-270)

A preocupação da análise do discurso é a de promover uma explicação sobre as condições que produzem e colocam em funcionamento o mito como discurso (sua historicidade). Assim sendo a análise de um mito em essa perspectiva teórica metodológica implica um enfoque no qual o que deve ser evidenciado e explicitado são os processos de produção de sentido e dos elementos que o constituem.

ORLANDI, 1990, p.15

Levando em conta os conceitos de Orlandi sobre a historicidade do mito, se pode afirmar que ele é reflexo do imaginário e da ideologia de um povo. Como poderemos observar a seguir no conto mapuche de Tem Tem e Cai Cai e depois nas poesias.

#### **Ten Ten y Cai Cai**

Allí en el mar, en lo más profundo, vivía una gran culebra que se llamaba Cai Cai.

Las aguas obedecían las órdenes del culebrón y un día comenzaron a cubrir la tierra.

Había otra culebra tan poderosa como la anterior que vivía en la cumbre de los cerros. El Ten Ten aconsejara a los mapuches que se subieran a un cerro cuando comenzaran a subir las aguas.

Muchos mapuches no lograron subir al cerro y murieron transformándose en peces.

El agua subía y subía y el cerro flotaba y también subía y subía; Los mapuches se ponían los canteritos sobre las cabezas para protegerse de la lluvia y el sol;  
 Y decían: Cai, Cai, Cai;  
 Y respondían: Ten, Ten, Ten;  
 Hicieron sacrificios y se calmó el agua, y los que se salvaron bajaron del cerro y poblaron la tierra.  
 ¡Así nacieron los mapuches!

Em uma análise desse mito, pelo antropólogo e historiador José Bengoa é possível compreender a colocação de Orlandi ao dizer que *“a preocupação da análise do discurso é a de promover uma explicação sobre as condições que produzem e colocam em funcionamento o mito como discurso (sua historicidade)”*.

José Bengoa nos conta que no sul do Chile a chuva é permanente. Segundo o historiador provavelmente em muitos invernos, as antigas comunidades preocupadas, temiam que nunca mais surgisse a luz do sol, que a água subiria até cobrir todos os cerros, que a chuva não pararia e que o mar e os rios se transbordariam em um cataclismo. Porém este episódio aconteceu tantas vezes que a fé poderia haver se perdido. Entretanto ano após ano, o ciclo da vida e da morte retomava sua causa normal. Ao inverno cauteloso, seguia o verão plácido soleado, onde poder banhar-se nas águas doces dos rios, as lagoas, sem temer ser arrastado até as profundidades. Os mitos de origem dos mapuches mostram até o dia de hoje essa luta sem piedade entre a terra e a água, entre a chuva e as montanhas, sempre refúgio para os humanos.

Outro mito importante, está na veneração dos mapuches com os vulcões. Para eles aí habitam os espíritos positivos e benéficos. Denominavam o vulcão *“Villarrica”*, *“Ruca Pillán”* a casa dos espíritos, em uma tradução literária e textual. Os serros altos comunicavam a terra com o céu e as neves comunicavam as águas de cima com o mar. São vasos comunicantes físicos e espirituais que vão marcando aos homens seus territórios. Na rogativa, a *Machi*<sup>4</sup>, golpeia um tambor denominado Cultrún em que estão marcados os quatro pontos cardiais, põe bandeiras de cor azul anil às caras dos participantes, a cor das águas tranquilas. Desse modo predispõe-se a restabelecer os equilíbrios rompidos.

Segundo o relato, a história do povo mapuche nasce de um cataclismo, de uma luta poderosa entre elementos desatados, as águas do mar e vulcões da cordilheira. Os elementos centrais dessa geografia, o mar, a montanha e a água aprisionam o homem como entre o Mal e o Bem disputando-se essas estreitas

---

4 Autoridade espiritual do povo mapuche

terras. Os sobreviventes fundam o povo, e os que morreram, se transformaram em rocas e elementos da natureza. O mito Tem Tem e Cai Cai gerado e protagonizado por seres que encarnam forças da natureza e os aspectos gerais da condição humana, tal como vimos acima, parecem explicar telúricamente a realidade ocorrida em maremotos, terremotos e erupções vulcânicas nas terras que hoje conhecemos por Chile. Podemos ainda interpretar, baseados em algumas perspectivas históricas, como veremos no capítulo a seguir, que a persistência do povo mapuche em recuperar os espaços que foram arrebatados a capacidade que possuem em superar as misérias e humilhações às quais foram submetidos podem ser comparadas ao mito. Essa comparação nos mostra a força e resistência da cultura mapuche, que se pensa e se projeta a si mesma nessa clave de luta para continuar resistindo e procurando seu futuro.

José Bengoa nos mostra em seu livro *Histórias do Povo Mapuche*, que na tradição deste povo, a história e os mitos, não se perdem na memória de poucos, eles assumiram um papel importante regulamentado pela sociedade. Havia cerimônias nas quais o *Hueipife*<sup>5</sup> relatava ao povo em forma oral, sentado em um redondel, cantos poéticos, histórias de sua gente, mitos, lendas transmitidos as novas gerações, com a intenção de esclarecer o passado, compreender melhor o presente e projetar seu legado até o futuro.

Hoje as novas gerações estão perdendo esses costumes, uma vez que grande parte delas estão deixando de lado essas cerimônias. O exemplo dos *hueipifes* nos mostra a importância do processo enunciativo na produção e transmissão dos saberes às demais gerações que ocorrem no domínio linguístico e discursivo da oralidade. Nesse processo, mito e oralidade parecem caminhar juntos, fazendo com que o mito por meio da oralidade se materialize, sendo um elemento indispensável no processo de formação pedagógica e ética de sociedades que possuem a tradição oral como parte de seus saberes.

No poema “Sueño Azul” de Elicura Chihuailaf em uma das estrofes é possível ver a importância em preservar os saberes transmitidos pelos *hueipifes*.

Kallfv pewma mew

[...] Luku um metanieenew ñi kuku  
allkvken wvne ti kuyfike  
zugu tati aliwen egu

---

5 Autoridades tradicionais do povo, tais como *Lonkos*, *Machi*, *Genpin*, *Zugunmachife y Werken*; Representam a forma histórica da organização social.



ka kura ñi nvtramkaken ta  
 kullín k ata che egu  
 Fey kamvten, pikeenew, kimañimi  
 ñi chum kunvwken egun  
 ñukufkulekey che mu rume  
 pekan llazkvkelay [...]

#### Sueño Azul

[...] Sentado en las rodillas de mí  
 abuela oí las primeras  
 historias de árboles  
 y piedras que dialogan entre sí  
 con los animales y con la gente  
 Nada más, me decía, hay que  
 aprender a interpretar  
 sus signos  
 y a percibir sus sonidos  
 que suelen esconderse  
 en el viento [...]

CHIHUAILAF, 2002, p.27

Nos dias de hoje essa tradição está se perdendo uma vez que, como vimos anteriormente, com o fim da autonomia mapuche e sua inserção na sociedade chilena, muitos mapuches passam a migrar às grandes cidades, deixando de lado algumas tradições como a acima citada, entre outras, na tentativa de integrar-se na sociedade chilena. Porém esse desejo de integrar-se, leva aos mapuches que vivem no contexto chileno, a ocultar sua condição de indígena. No mais extremo dos casos se rompe completamente com a vida anterior, elimina-se todo rasgo do ser mapuche – inclusive o sobrenome -na tentativa de branquear-se, de ser considerado como se fosse chileno.

Nesse abandono e esquecimento o processo de produção de sentido e dos elementos que o constituem já que o discurso fundador se apresenta como aquele, em que a voz da ancestralidade dimensionada se faz ouvir, através da prática discursiva como poderemos constatar na citação a seguir:

Como práctica discursiva el mito responde al imaginario y a la formación ideológica que mediante mecanismos de orden histórico social producen efectos de identidad. Por esta razón, es en el/ y por el mito que es posible analizar el modo peculiar de como las sociedades de tradición oral explican y comprenden su universo, ben como el modo por el cual representan las relaciones que ahí son establecidas.

En las sociedades de tradición oral, el relato mítico presentase como una dimensión discursiva como parte de un archivo y porque reglamentado por

la ritualización, que determina quién, dónde, cómo y cuándo este puede ser proferido o representado. Las reglamentaciones ritualistas son entendidas, en la perspectiva del Análisis del Discurso, como una red de coerciones generalizadas que distribuyen papeles e inscriben en las formaciones ideológicas tanto el sujeto enunciador, el sujeto destinatario, el género discursivo seleccionado como la propia enunciación.

BORGES, 1999, p.07

Considerando que o acervo mítico de uma sociedade que cultiva e valoriza a tradição oral, como o caso dos mapuches, seja categorizado como arquivo de natureza oral, estabelecido imaginariamente na memória social pelos efeitos de falta de memória e ancestralidade, podemos pensar que a leitura desse arquivo se insere entre a língua (sistema de sentido) e a discursividade (inserção na história de efeito de sentido). Essa hipótese nos permite refletir que a leitura de um mito nos leva a leitura de um arquivo, e que a leitura do imaginário constitutivo desse arquivo como espaço fundador e legitimador do poder dizer, se encontra conectado à produção de sentido, segundo a análise do discurso de Dominique Maingueneau<sup>6</sup> que nos mostra sobre similaridades discursivas entre o mito e o arquivo visto que para um como para outro se trata de considerar a posição enunciativa que conecta o funcionamento textual da identidade de um grupo. Na discursividade do mito inscrevem-se as representações que nas sociedades de tradição oral são estabelecidas entre o povo, território e história.

Nos dias atuais, restam poucos historiadores que recordem com precisão a história passada. A derrota da nação mapuche no século XIX, aniquilou as recordações, hoje a maior parte da história provém da história chilena, espanhola, enfim, da pouca história que ficou escrita e tal como ficou escrita.

Segundo Bengoa no livro *Histórias do Povo Mapuche*, depois do relato do dilúvio, a história dos mapuches se interrompe longos anos retomando-se com a chegada dos espanhóis a partir da qual se vão misturando versões até chegar a épocas em que a leitura pode apoiar a memória e as histórias aprendidas na escola, que reforçam, confundem, e muitas vezes, fazem esquecer a tradição oral como poderemos constatar na análise histórica do povo mapuche.

Tomando em conta as perspectivas históricas, será possível compreender melhor: como se formou o pensamento chileno desde a colonização espanhola até os dias de hoje e o porquê da possível estratégia dos poetas mapuches em

---

<sup>6</sup> No livro *“L’analyse du discours-Introduction aux lectures de l’archive”* de 1991 pg. 23.

preservar seu idioma, cultura e identidade, uma vez que a tradição oral e os saberes adquiridos através dela foram pouco valorizados no transcurso da história e na formação do pensamento na sociedade chilena.

#### **1.4 A língua mapudungun e a autonomia idiomática**

Como vimos nos capítulos anteriores o povo mapuche têm sua própria história e valores de identidade herdados de seus ancestrais, assim como o espiritual e o cósmico que fazem parte de seu estilo de vida. Da mesma forma, seu idioma mapudungun assume um valor muito importante ao representar suas origens.

A língua revela muito sobre a cultura e a identidade de um povo, ela nos permite conhecer parte do que é o indivíduo e sobre sua vida. Do mesmo modo que as curas e as enfermidades da humanidade esperam ser encontradas nas plantas da selva, as línguas originárias também contêm muitas ideias, percepções e soluções sobre a interação entre os seres humanos com o mundo natural. As línguas são muito mais que meras palavras, são o que sabemos, o que somos.

A situação das línguas originárias no Chile, entre elas o mapudungun, é de extremo risco de perda ou extinção dado que um fator preponderante da sua vitalidade, é que os jovens e as crianças aprendam e usem sua língua materna, assunto que hoje em dia ocorre pouco, diz Alberto Pizarro Chanilao<sup>7</sup> diretor nacional da CONADI, que ressalta que é possível salvá-las com programas e a participação da comunidade.

A oficialização do mapudungun e de outras línguas originárias, é antes de tudo, uma luta de descolonização, tão importante quanto a luta pelas terras usurpadas. Segundo nos mostra a linguista Elisa Loncón, em uma reportagem à HISPAN TV (dia vinte e um de abril do ano de dois mil e catorze), a autonomia idiomática implicaria restabelecer o valor das línguas originárias com iguais direitos e hierarquia com o espanhol, reconhecendo que formam parte da identidade desse país. “Está violentando-se um direito fundamental que é falar a própria língua. Seres humanos têm capacidade da linguagem, é uma capacidade criativa a qual os povos indígenas foram impedidos, é uma violação a dignidade humana”, acrescentou Loncón. A linguista ressalta a necessidade de que seja abordada a reparação e a projeção da revitalização linguísticas, tanto nas comunidades indígenas como nas mesmas políticas públicas.

---

<sup>7</sup> El 25% de las lenguas del mundo está en peligro de desaparecer, por Cristina Espinoza - 04/09/2014

A língua está relacionada diretamente ao processo identitário do sujeito, ela representa a cultura e os costumes de um povo. A luta pela oficialização do mapudungun é uma luta pela construção de uma nova sociedade, nascida do plurilinguismo e das relações interculturais entre povos distintos.

#### **1.4.1 As dificuldades linguísticas enfrentadas**

Muitas são as situações que refletem as dificuldades linguísticas enfrentadas pelos mapuches. Quando se encontram na cidade ou em meios onde se fala exclusivamente o espanhol, eles devem adaptar-se a essa situação, deixando a língua nativa para comunicar-se esporadicamente com algum membro de seu grupo que fale a língua nas reuniões familiares ou entre amigos.

Os grupos que residem nos centros rurais mantêm, em maior medida, sua língua e cultura, o que lhes permite perpetuar alguns rituais ancestrais. Não obstante, somente os adultos maiores falam a língua nas cidades, onde grande quantidade deles migram como trabalhadores temporários ou permanentes, mais especificamente em Santiago, Concepción e Temuco.

Segundo María Catrileo, acadêmica da Universidad Austral de Chile, o mapudungun é um dos patrimônios que definem a identidade do povo mapuche. Manter sua vigência e revitalização no contexto sócio cultural chileno é muito importante. Para ela é necessário a manutenção dessa língua, e que a mesma, deve ter o devido respaldo governamental para converter-se em língua saudável e autossuficiente. Tudo isso permitirá a continuação do modo de vida de seus usuários, assim como o reflexo fiel da sua cultura dentro do mundo multicultural.

El estado de una lengua tiene una relación directa con el número de sus hablantes, la forma en que éstos se distribuyen dentro de la población total, y el número de niños que hablan la lengua. Esta última información constituye un indicador importante en la evaluación del futuro de cualquier lengua, pues nos permite aproximar algunas respuestas acerca de su posible sobrevivencia y los pasos que se deben seguir para asegurar su mantención. Estas ideas están relacionadas con el estado saludable de una lengua que tiene que ver con la cantidad y calidad de uso entre sus hablantes.

CATRILEO, 2005, p.1-17

No estado saudável de uma língua, segundo Maria Catrileo, deve ser considerado que os falantes sejam autossuficientes e capazes de expressar

qualquer ideia que necessitem dizer e comunicar. Quanto maior seja sua utilização maior seja sua probabilidade de sobrevivência. Manter a língua de um grupo de pessoas codifica e reflete a cultura de um povo. O melhor modo de manter uma língua viva é através da comunicação com as crianças utilizando-a na sua primeira etapa de aquisição dos códigos linguísticos. O programa de manutenção da língua indígena também deve medir a importância do espanhol para a comunidade.

No caso do mapudungun a situação no Chile, é de extremo risco de perda ou extinção, dado que um fator preponderante de sua vitalidade é o de que os jovens e crianças já não estão mais aprendendo e utilizando sua língua materna, de acordo com Alberto Pizarro Chañilao, diretor nacional da CONADI.

El programa de mantención de la lengua indígena también debe medir la importancia del español y la lengua indígena. Ambas lenguas son esenciales para la comunidad. Pero no se debe descuidar o favorecer una de ellas en desmedro de la otra.

(CATRILEO, 2005, p.1-17)

Por pertencer o mapudungun a um grupo de risco, estratégias para preservação e revitalização da língua materna são necessárias. Entre essas estratégias se encontra a poesia mapuche como poderemos ver mais adiante. A conscientização da comunidade de que a valorização da língua é um referencial importante de sua cultura; e porque por ser espanhol o idioma standart no sistema chileno as línguas originárias em contato se influíram mutuamente através do tempo, dando origem a novos dialetos com rasgos fonológicos e gramaticais da língua materna. Exceto por algumas escolas<sup>8</sup> que já possuem esta preocupação e já adaptam metodologias específicas para preservação do mapudungun no território que hoje conhecemos por Chile a grande maioria das escolas possui a preocupação em reconhecer a diversidade existente, causando deste modo a dificuldade de aprendizagem dos jovens que ao se defrontarem com as diferenças linguísticas entre a língua materna e o espanhol formam, acabam por optar em falar apenas o espanhol, uma vez que o mapudungun pertence a minoria de falantes. Deste modo não somente abandona o desejo de falar o mapudungun, como também acabam por perder sua cultura.

---

<sup>8</sup> Un ejemplo: *Escuela Autónoma Mapuche Lonko Pascual Pichun*

Según el censo de 2002, la población que declara pertenecer al grupo mapuche está compuesta de 604.349 personas. Se calcula que aproximadamente el 50% de ellas habla el mapudungun con diversos grados de fluidez. Los adultos mayores son los que todavía utilizan la lengua como medio de comunicación, principalmente en el medio rural. En la mayoría de los lugares de asentamiento mapuche los niños ya no aprenden la lengua autóctona en sus hogares. Ellos asisten a escuelas que están equipadas para realizar la instrucción en español exclusivamente, con muy pocas excepciones. Los estudiantes, prontamente, perciben que el mapudungun tiene poca importancia para sus actividades diarias y utilizan el español en la mayoría de sus actividades. Esta situación los convierte, posteriormente, en adultos que no muestran interés en entregar algún conocimiento a sus hijos sobre la lengua y cultura indígenas

(CATRILEO, 2005, p.1-17)

De acordo com María Catrileo<sup>9</sup> a situação de declínio do mapudungun é muito preocupante, uma vez que não há investimentos significativos em programas sérios na formação de professores na língua e na cultura mapuche. As razões da diminuição no uso do mapudungun pode explicar-se também por outros motivos, como por exemplo o fato de que grande parte da população mapuche se encontra dispersa em grupos que habitam próximo às cidades, dependendo economicamente delas em grande medida. A falta de interesse da comunidade em geral demonstra a necessidade de intervenção para reforçar o uso da língua, por meio da implementação de um programa de educação intercultural no sistema escolar das comunidades rurais e urbanas com a finalidade de conquistar melhor conhecimento mútuo.

A luta pela oficialização do mapudungun representa muito mais que o resgate cultural e identitário. A representação dessa luta significa o reconhecimento e a construção de uma nova sociedade Latino Americana, baseada no plurilinguismo, nas relações interculturais existentes entre povos distintos que possuem a língua como uma das ferramentas para avançar no processo latino americano de integração.

#### **1.4.2 Identidade e autonomia mapuche**

---

9 CATRILEO, María; Revitalización de la lengua mapuche en Chile; Documentos Lingüísticos y Literários28: 1-17; 2005. [www.humanidades.uach.cl/documentos\\_linguisticos/document.php?id=86](http://www.humanidades.uach.cl/documentos_linguisticos/document.php?id=86)

Para falar de autonomia e identidade mapuche é necessário conhecer “*Wallmapu*”, um dos conceitos mais potentes que sonham o movimento mapuche em geral. Em termos simples “*Wallmapu*” é todo o território mapuche, solo, subsolo, ar, rios, etc. Outro sinônimo que se pode encontrar é de País Mapuche, uma vez que antes da colonização suas terras abarcavam parte do território argentino e chileno como pudemos ver na análise histórica mapuche.

El País Mapuche fue un país libre, autónomo y auto determinado – entonces como ahora – en la diversidad. Con un territorio que abarcaba espacios en ambos lados de la cordillera; un idioma propio el mapudungun / idioma de la Tierra (con dialectos e idiolectos que todo idioma posee); una historia propia; y una manera de ser determinada por una visión de mundo particular (con conceptos propios de progreso y desarrollo, justicia y democracia). Las cuatro ramas fundamentales – nítidas y refulgentes – que tiene el árbol que los estudiosos definen como “la identidad”. Hoy en medio de esta compleja y “globalizada modernidad” buscamos el camino de regreso hacia la autonomía y a la autodeterminación. Queremos como todos los seres humanos respirar el Aire Azul de la Libertad.

CHIHUAILAF, 2008, p.10

Partindo do ponto de vista histórico mapuche, podemos constatar a veracidade da citação acima do poeta mapuche Elicura Chihuailaf, ao referir-se à busca pelo caminho de retorno à autonomia e autodeterminação, uma vez que, seu povo gozava de autonomia, de um idioma próprio, de uma história própria e uma maneira de ser determinada por uma visão de mundo particular.

Como vimos anteriormente com o historiador José Bengoa, o povo mapuche combateu durante mais de três séculos ao invasor, primeiro o espanhol, chilenos e argentinos depois. Essa longa resistência foi possível graças à sólida unidade da “Gente da Terra”, cuja estrutura social, ainda que simples, era bastante homogênia: não havia entre eles classes dominantes e dominadas, senão que um modo de produção em que predominava o coletivismo cuja base social era a de famílias unidas na comunidade.

Junto com a unidade da língua estava a hegemonia da estrutura social e a comunidade de cosmovisão, pensamento e religião. Tradicionalmente, o povo mapuche está organizado em quatro regiões geográficas o meli *wixan-mapu*, cada *wixan-mapu* está integrado por *avilla rewe* (oito departamentos) que por sua vez estão compostos como If, o conjunto de todos os territórios que constituem o *Wallmapu* o país mapuche.

A identidade cultural se desenvolve em seu território ancestral e mesmo que a uniformidade cultural fomentada pela sociedade seja majoritária, o povo mapuche ainda mantém seu idioma mapudungun e sua identidade marcada por sua cultura, história, espiritualidade, modo de vida e aspirações comuns. Seus membros estão regidos pelo *Ad-mapu*, o código de prática o qual regula e sanciona seu comportamento com os demais e sua responsabilidade diante da comunidade. (BENGOA, 1986, p.14)

Baseados no contexto histórico acima e a organização da comunidade mapuche de reger-se baixo *Ad-mapu*, podemos perceber o porquê da citação de Elicura ao referir-se ao seu povo como país autônomo e autodeterminado. Se tomarmos como base o conceito de Kant<sup>10</sup> que diz que “autonomia é a capacidade da vontade humana de se auto determinar segundo uma legislação moral por ela estabelecida, livre de qualquer fator julgador”, podemos perceber que o povo mapuche se manter resistente e parcialmente organizado mesmo frente às opressões feitas por parte do Estado chileno.

Segundo Xavier Albó e Franz Barrios Sulveza no livro *O estado do Estado em Bolívia*, por Bolívia plurinacional e intercultural com autonomias de 2006, autonomia é um fenômeno estatal pelo qual um espaço sócio político determinado aspira poder decidir seus assuntos no marco de uma Constituição, porém sobre a base de instrumentos legislativos. Mesmo que o livro se refira à Bolívia o conceito de autonomia, citado pelos autores, pode também se enquadrar ao tema aqui desenvolvido. Para eles a autonomia se refere à capacidade de dar norma a si mesmo, e de que, em seu sentido mais amplo, pode aplicar-se ao indivíduo comunidades pequenas ou grupos sociais mais amplos e estruturados. Os autores citam ainda uma particularidade fundamental, de que qualquer exigência de autonomia (em sentido mais amplo e flexível da palavra dos povos chamados indígenas com relação a uma sociedade que se constituiu e lhes foi imposta de fora) é a de que sua condição de partida foi e é, seu próprio modo de ser nas diversas dimensões de sua vida.

Através do conceito primário de autonomia de Kant e da particularidade anteriormente citada de Albó e Sulveza é possível compreender a busca mapuche ao caminho de regresso até a autonomia, uma vez que os mapuches, desde o processo de colonização até a autonomia, uma vez que os mapuches desde o

---

10 Kant (1724-1804)



processo de colonização até a atual globalização, não puderam mais exercer sua autonomia de modo pleno e muito menos respirar o “Ar azul da liberdade” citado pelo poeta Elicura Chihuailaf<sup>11</sup>, uma vez que o regime aparentemente democrático em Chile é vazio em sua representatividade.

El reclamo autonómico no nos parece de entrada afectado por valoraciones preconcebidas sobre autonomías de buena o mala fe. Finalmente en todas las sociedades se mezclan procesos sociales, económicos o ideológicos.

ALBÓ; SUIVELZA, 2006, p.56-57

De um modo pouco abrangente, podemos tomar o reclamo autonômico citado por Albó e Sulveza em informe nacional sobre Desenvolvimento Humano em Bolívia, e enquadrá-lo aos diferentes tipos de reclamos autonômicos da América Latina no que diz respeito ao reconhecimento da diversidade cultural existente e das iniciativas de revitalização da língua mapuche, com o fim demarcar ditos rasgos em elementos ideológicos linguísticos. Se pensarmos no contexto histórico mapuche e o vazio da representatividade do sistema democrático, podemos perceber que a autonomia reivindicada pela oficialização do mapudungun, provém de raízes prévias à constituição do Estado moderno, razão esta que origina as atuais resistências por diferentes tipos de autonomia que lhes foi quitada. Entre elas a autonomia idiomática.

A autonomia idiomática na América Latina implica restabelecer o valor das línguas originárias com o espanhol, reconhecendo que formam parte da identidade e da diversidade existente. Partindo desse ponto de vista podemos ver o quanto a luta pela oficialização do mapudungun é importante, uma vez que esta, representa a construção de uma nova sociedade nascida do plurilinguismo e das relações interculturais entre povos distintos.

---

11 Chihuailaf, 2008, p.10-11

## Capítulo 2: Da Oralidade à Escrita

### 2.1 Desenvolvimento da Literatura Mapuche da Oralidade à escrita

Baseados no contexto histórico mapuche, considerando as ideias de José Bengoa em seu artigo Memória, Oralidade e Escrita (março de 2005), podemos observar que segundo o autor uma das exigências que são colocadas a muitas culturas tradicionais, como a dos mapuches no Chile, é transpassar os limites da oralidade e passar a formas escritas de comunicação ou ao menos buscar combinações entre ambas.

O autor faz três abordagens importantes analisadas: a primeira as resistências que fazem os povos indígenas frente à escrita, em especial, ao livro como única fonte da escrita e como única fonte de transmissão da memória; a segunda o triunfo e a primazia da história escrita e a submissão das memórias esquecidas nos âmbitos da resistência; e um terceiro momento que estamos vivendo, da recuperação dos fragmentos da memória oral e seu necessário transpasso à oral escrita.

No ha sido cariñosa la relación entre los pueblos ágrafos y el libro. Ha sido una relación compleja. Ha habido un permanente menosprecio por parte de la cultura occidental llena de papeles y documentos por la memoria oral considerada débil, poco segura, en fin, primitiva al decir de las teorías evolucionistas. La historia se fue escribiendo dejando a la transmisión oral relegada a los rincones del pueblo, a zonas olvidadas, a espacios menospreciados por la alta cultura.

BENGOA, 2009, p.02

Analisando o contexto histórico não só dos mapuches, mas também dos indígenas andinos, podemos pensar em uma opressão e manipulação por parte do invasor, não só no contexto moral e territorial, mas também na escrita. A tradição oral foi sempre considerada primitiva, oprimida e esquecida nos cantos dos povos. A transmissão do que chamamos história oficial vista nos livros foi sempre uma ferramenta nas mãos dos opressores como ferramenta de manipulação e de poder. Por esta razão nos povos andinos oprimidos, a escrita era, e ainda hoje, vista com

desconfiança. Considerando a força instrumental da escrita, tomemos dois exemplos na história, uma no meio mapuche na região que hoje conhecemos por Chile (século XX) e outra no meio inca na região que hoje conhecemos por Peru (século XVII). Esses dois exemplos são: Guamán Poma Ayala (escritor indígena da região que conhecemos hoje por Peru, que relatou por meio de desenhos e palavras a opressão da colonização no século XVII) e Don Anselmo Raguileo (investigador e poeta mapuche do século XX, conhecido por desenvolver um sistema de escrita para a língua mapuche mapudungun).

Esses dois personagens da história pareciam não só ter consciência da força que a escrita representava, como também da manipulação que esta permitia ao opressor. Em ambos os casos, a ferramenta da escrita, parece haver sido utilizada como possibilidade não de poder, mas de reconhecimento e preservação das memórias e origens.

No caso de Guamán Poma, podemos ver o ponto de vista indígena da colonização, um índio que poderíamos chamar de bicultural e multicultural, uma vez que dominou o castelhano com habilidade para escrevê-lo em pleno século XVII feito raro no meio indígena que não só rejeitava a ideia da escrita como também a via com desconfiança devido à opressão recebida. Poma parecia prever a importância de preservar suas origens relatando em seus desenhos e escritos uma complexa rede de informações. Entre os diversos interesses marcavam o trivial e o principal em complicada sociedade colonial que era separada em duas repúblicas: uma dos índios e outra dos espanhóis. Os escritos do autor ameríndio nos oferece uma nova perspectiva de ver a história, ponto de vista este, que nos parece conjugar voz e letra, escrita e imagem, propondo um meio diverso de compreender melhor a realidade americana e andina

Se pensarmos na colocação de Bengoa citada anteriormente, sobre as abordagens da resistência indígena frente à escrita, ao livro como única fonte de transmissão de memória e por isso a necessidade de transpassar a oralidade à escrita, podemos pensar na dificuldade que enfrentou Guamán Poma Ayala ao desenvolver suas habilidades na escrita e nos desenhos, uma vez, que havia dominado com destreza a cultura europeia. Guamán Poma Ayala enfrentou não só o preconceito do opressor, mas também por parte de seu povo que tinha resistência frente a escrita, enfrentamentos estes, que não devem ter sido fáceis. Talvez tivesse ele a intenção de dominar e utilizar uma das ferramentas de opressão do

conquistador como estratégia de perpetuar e demarcar suas origens através de seus escritos e desenhos percebendo a força que essa ferramenta exercia. Estratégia ou não, seu ponto de vista indígena da história da colonização, se faz presente até os dias de hoje deixando-nos o exemplo de seus escritos, convidando-nos a uma nova leitura do passado no presente.

Pensemos agora no terceiro momento, citado por Bengoa, o que fala de Dom Anselmo e da recuperação dos fragmentos da memória oral e seu necessário transpasso à “oral escrita”.

“Hace años conocí algunos sabios mapuches que recordaban aún a los antiguos huepines. No inventaban historias, las contaban como las habían escuchado según la tradición oral. Don Arturo Coñoepán Huenchal nos relató sentado en su ruca cocina en ChollCholl, la larga historia de su familia. En un momento cantó la canción que entonó Venancio Coñoepán alrededor de 1825 al despedirse arriba de su caballo cuando partía con los boroganos a las pampas Argentinas. Se la Cantaba a sus mujeres, les decía que las amaba y que lo esperaran con un caldito de sopa que a él le gustaba especialmente. Nunca volvió de las Pampas, recordaba el sabio huepín, murió en la localidad de Azul, cerca de Buenos Aires. Pero el propio huepín en un momento detuvo su relato y dijo que no se acordaba de más y en su tradición no estaba permitida la invención ni la fantasía”.

BENGOA, 2009, p.05

Fazendo um comparativo entre a análise histórica antes mencionada, com a testemunha acima citada por Bengoa, podemos recordar que no processo de colonização as classes dominantes buscaram a integração por meios do submetimento, sem respeitar as diferenças de cultura e pensamento do direito ancestral a seu território e sua autonomia e que o resultado disso foi uma discriminação ainda mais forte da que já existia. Pensando nesse momento histórico e em suas consequências que chegaram até o século XX e XXI como vimos anteriormente, é possível também compreender a possível preocupação do segundo exemplo que considera a força instrumental da escrita: Dom Anselmo Raquileo investigador e poeta mapuche do século XX que desenvolveu um sistema de escrita para a língua mapuche, o mapudungun.

Com o desaparecimento da cultura oral mapuche devido à opressão do colonizador, Dom Anselmo após desenvolver o sistema de escrita em mapudungun decide publicar em 1982 a criação do Grafenário Mapuche, um sistema de escrita para o mapudungun com a preocupação de refletir o mais nítido possível a voz dos

mapuches, tomando o cuidado de não se contaminar com a língua da dominação, o castelhano.

Segundo Bengoa, é a partir de Raguileo que começa uma profunda e completa discussão ainda não forjada: como transpassar a oralidade à escrita? Vivemos Hoje no século XXI na América Latina, um tempo fascinante e complexo no qual para dar um salto a oral escrita, dependeremos em boa medida do que vem das antigas culturas ágrafas.

Para o autor a oral escrita é mais que somente o encontro fecundo entre a tradição oral livre sem vestígios classificatórios e a tradição da dominação da escrita. Para o autor a apropriação da escrita por parte das sociedades ágrafas, evidencia a apropriação de uma das principais armas do dominante. Seguindo a linha de pensamento de Bengoa podemos perceber que tanto Guamán Poma como Dom Anselmo, possivelmente pensavam na importância da recuperação e preservação da memória ancestral dos povos originários buscando no registro escrito a preservação da cultura. Preocupação esta que se preserva até os dias de hoje não só na cultura mapuche, como também entre os povos originários da América Latina.

A seguir veremos como se desenvolveu a literatura mapuche após o desenvolvimento da escrita e a importância que a poesia mapuche vem a assumir dentro da literatura chilena e no mundo sob a perspectiva da pesquisadora J.A Moens em sua tese de literatura escrita em 1999. Na tese, ela apresenta pontos importantes da obra do pesquisador Iván Carrasco sobre a poesia mapuche e também sobre a suposição de que a poesia mapuche forma-se da imagem da identidade do poeta, apresentando-nos questionamentos como: que tipo de identidade expressa o poeta mapuche ou chileno? Qual é sua atitude com respeito à sociedade chilena? É esta atitude de integração ou de rejeição? Perguntas estas, que são o ponto principal de sua tese, uma vez que para Moens embora a América Latina se mostre cada vez mais interessada pelas culturas indígenas, a poesia mapuche é ainda uma matéria pouco investigada.

## **2.2 Consolidação da Literatura Mapuche**

Neste capítulo foi tomado como base parte da pesquisa de J.A Moens que analisa de modo bem abrangente o pensamento de Ivan Carrasco sobre o transpasso da oralidade à escrita mapuche até chegar à consolidação da literatura e à importância que representa a poesia mapuche dentro do processo literário e identitário.

J.A Moens explica que para o pesquisador Ivan Carrasco em um artigo escrito a revista Estudos Filológicos, a cultura chilena está constituída por um conjunto heterogêneo e instável de elementos hispânicos e europeus trazidos pelos soldados, missionários, mulheres e colonos que invadiram os territórios indígenas a partir de 1535, misturados de maneira variada com elementos dos distintos grupos dos povos originários preexistentes a sua chegada: aymara, diaguita, chango, quéchua, no Norte, rapa nui na Ilha de Páscoa, mapuche (com suas variedades picunche, pehuenche e hulliche) no Centro Sul, chono, gawashgar, ona, yámana, tehuelche, no extremo Austral.

Segundo Carrasco, o marco dessa cultura consolidou uma literatura de alto nível de exigência e rigor na exploração das possibilidades significativas e expressivas da linguagem da cultura americana, das zonas misteriosas da subjetividade e da indagação de mitos e símbolos do ser humano.

O gênero mais desenvolvido na literatura chilena foi a poesia. Desde o Romantismo foi uma grande variedade de vozes pessoais, projetos poéticos, grupos e tendências, com uma alta capacidade de renovação, uma severa consciência de linguagem de ofício de escritor e de tradição literária junto a uma atitude de busca de originalidade e autenticidade. (CARRASCO, 2000, p.139-149).

Explica Moens que no que diz respeito ao desenvolvimento da literatura e da poesia mapuche, para o pesquisador Iván Carrasco, esta se desenvolveu em três etapas: A oralidade absoluta, a oralidade inscrita e a escrita própria. A primeira das três etapas coincide em sua maior parte com o período histórico pré hispânico quando a cultura mapuche, como outras culturas de povos originários, é exclusivamente oral, devido a sua condição ágrafa. A segunda etapa é a transcrição de textos em mapudungun e sua tradução ao espanhol ou outra língua moderna. A terceira e última fase definida por Carrasco pela literatura escrita por autores mapuches.

### **2.3 A Oralidade Absoluta**

A primeira das três etapas definidas por Carrasco se caracteriza pela oralidade absoluta. Essa fase literária coincide em sua maior parte com o período histórico pré hispânico quando a cultura mapuche é exclusivamente verbal por estar na condição de ágrafa.

A oralidade absoluta se conservou até o presente momento entre os mapuches. As tradições orais expressam, crenças ancestrais como o *epeu* (relato),

*nütran* (conversa), *ül* (canto) e *koew* (adivinhação). Essa expressão de crenças é chamada por Carrasco de etnoliteratura e segundo o pesquisador, ela se manteve paralela e independente da textualidade literária chilena até o começo do século por diversas razões: desconhecimento recíproco da língua do outro grupo, descaso do colonizador do império hispânico em conhecer e manter a cultura mapuche no projeto colonizador, o profundo etnocentrismo de ambas as sociedades em contato e a aguda diferença entre as manifestações artísticas verbais dos mapuches e dos espanhóis e seus descendentes crioulos. (CARRASCO, 2000, p.139-149)

Segundo a linguista Maria Catrileo expressões de crenças como o *epeu* à beira do fogão é um discurso didático e de entretenimento sobre um acontecimento imaginário pertencente à tradição das crenças mapuches, ou também uma narração na qual os protagonistas principais são os animais que simbolizam vícios e virtudes humanas. O *nütram* diz Catrileo, é uma narração principalmente informativa sobre o acontecimento histórico, um evento ritual, um tema sobre acontecimentos atuais na comunidade, ou experiências da vida diária. Por meio do *nütram*, os membros da família e da comunidade se mantêm, informados sobre acontecimentos passados e presentes.

As distintas formas de tradição literária oral mapuche vistas até aqui, fazem parte da primeira etapa da evolução literária mapuche, coexistindo separadamente durante algum tempo, depois da chegada dos espanhóis, com as formas literárias europeias, houve uma situação de paralelismo, sem interação textual, explica Carrasco, devido a causa da existência de duas línguas mutuamente desconhecidas. Quando mais tarde há o contato entre a cultura mapuche e espanhola começa a segunda fase literária: a oralidade inscrita. (CARRASCO 1990, p.210)

## **2.4 Oralidade Inscrita**

Os contatos interétnicos cada vez mais intensivos e o interesse crescente dos espanhóis pela tradição oral mapuche, produzem mudanças significativas na etnoliteratura mapuche, que lhe dão razão a Ivan Carrasco para anunciar uma nova fase literária. O mecanismo básico dessa etapa é segundo Carrasco, “a transcrição de textos em mapudungun e sua tradução ao espanhol ou outra língua moderna” (CARRASCO, 1990 p.21).

Nesse primeiro passo até a literatura escrita, diz Carrasco, a mudança fundamental concerne a recepção, já que a transcodificação até os textos que antes

tenham como destinatário unicamente o povo mapuche, acessível a um público misto e muito mais amplo ultrapassa seus limites culturais e passa a ser incorporado ao contexto da literatura chilena e universal.

Segundo Iván Carrasco a incorporação de escritores mapuches na instituição e no processo literário chileno, produziu resultados significativos em dois aspectos: na tradição textual mapuche e na literatura chilena global. À parte da mudança na recepção, a transcrição dos textos orais à escrita provoca mudanças de outra natureza, uma vez que, apesar de ganhar um bom reconhecimento dentro e fora do país, por outro lado, textos cantados por exemplo, modificam sua originalidade, porque ao se mostrarem escritos, perdem sua melodia e ritmo, tendo como meio mais adequado filmagens, que permitem não só preservar a originalidade do canto como também a possibilidade de registro dos mesmos.

Atualmente a interação das textualidades mapuches e chilenas são distintas. Para Carrasco a etnocultura mapuche e a literatura indigenista se mantêm, porém, junto a elas apareceu uma expressão nova que integra e supera a oralidade de uma, e a dicotomia da outra, surgindo então a poesia etnocultural, caracterizada por uma superfície textual pluralmente codificada, uma enunciada sincrética e uma intertextualidade transliterária, em função de um enunciado de referências híbridas ou mestiças. A poesia etnocultural é um término lógico para uma poesia cujo o maior interesse temático é a interação de grupos étnicos e culturas distintas.

“La poesía etnocultural ha explicitado la problemática del contacto interétnico e intercultural, mediante el tratamiento de los temas de la discriminación, el etnocidio, la aculturación forzada y unilateral, la injusticia social, educacional y religiosa, la desigualdad socioétnica, entre otros, poniendo en crisis las perspectivas etnocentristas predominantes hasta ahora”.

CARRASCO, 1992, p. 108-109

Na literatura chilena e global, os escritores mapuches acentuaram a problemática étnica que foi caracterizando a poesia das últimas três décadas e junto com ela participam a gestação e o desenvolvimento do discurso poético etnocultural, que transgride os princípios de singularidade e homogeneidade que regem a codificação artística de textos na tradição europeia. Dentro deste discurso incluíram uma perspectiva intercultural que deu origem a um procedimento singular que forma parte da estratégia da codificação plural do texto poético ao registro duplo feito em espanhol e em mapudungun como poderemos ver mais adiante na análise da poesia de Elicura Chihuailaf.



## 2.5 A Escrita Própria

J. A Moens explica que como resultado do processo de literalização citado nas fases anteriores, aparece a terceira e última fase definida por Iván Carrasco, a literatura mapuche propriamente escrita por autores mapuches. O critério básico para distinguir a literatura da etnoliteratura inscrita é a codificação do texto realizado de forma autônoma no que diz respeito ao canto e a narração oral. O autor é consciente de sua arte e escreve seus textos de acordo a seu particular conceito de literatura. Este pode ou não respeitar a tradição tendo a liberdade de criação individual.

Frente a essa realidade, o autor mapuche tem uma nova atitude frente a seu texto. À parte de seu papel familiar de intérprete da tradição em sua comunidade que o faz repetir o que lhe foi contado, faz agora um papel inovador que escolhe seus próprios temas, elaborando-os de sua própria maneira e desde seu ponto de vista dando opiniões e tratando de ganhar seu público à sua causa. As atividades inovadoras levaram à aparição de gêneros novos como por exemplo o *epeu* didático ou o *ikantun* (um tipo de canto de improvisação) que não serão abordados nesta dissertação.

Ainda que os escritores mapuches modernos tenham interesses novos e desenvolvido seu próprio estilo há ainda uma preocupação em manter e seus relatos, suas tradições e memória. Outro aspecto chamativo desta terceira etapa literária é o efeito de interação entre as culturas chilena e mapuche e o de incorporação mapuche na sociedade global.

Segundo Carrasco, se por um lado a literatura contemporânea mapuche se torna conhecida e reconhecida, por outro, junto dessa ampliação de linguagem os autores mapuches já não se limitam à sua própria língua materna o mapudungun, produzindo também em espanhol. O uso livre da linguagem resulta em uma nova forma textual, o texto de duplo registro, que é um texto apresentado pelo autor simultaneamente em mapudungun e espanhol. Pode-se constatar que esta forma de comunicação intensificada entre as duas culturas e a ampliação da recepção da literatura mapuche conduzem ao discurso explicativo em que o autor dá muitas explicações e fala com todos os detalhes de assuntos que supõe menos conhecidos por seus leitores em especial os chilenos e os mapuches distanciados de sua

cultura. Por essa razão para Carrasco, a literatura moderna mapuche já não é mais intracultural, senão que intercultural. (CARRASCO 1989, p.184-188)

O poeta Elicura Chihuailaf introduz o termo “oralitor” porque é da opinião de que a literatura mapuche atualmente se move entre a oralidade e a escrita em uma e outra direção sem contrapor-se, diz o poeta, como registro e criação que a sua vez trata de recriar a oralidade. (CHIHUAILAF 1992, p.129)

## **2.6 Da consolidação da literatura à poesia mapuche**

J.A Moens nos mostra em sua tese que a teoria de evolução da literatura mapuche descrita por Carrasco, mostra claramente que o processo de literalização não tem lugar no vazio. Vem sendo um desenvolvimento gradual em três etapas: O da etnoliteratura, a literatura propriamente dita nos contextos das sociedades de contato e em relação com a literatura em língua espanhola. Para Carrasco é necessário enfatizar o vínculo da literatura mapuche com seu equivalente chileno, não há como considerar um fenômeno isolado. (CARRASCO, 1990, p.20)

Os vínculos literários estão claros. Apareceram em tempos passados e se mantêm na atualidade. Carrasco nota a existência de um novo tipo de discurso na literatura chilena, originado nas intersecções das duas culturas em contato. É uma série de textos que não cabem nas caracterizações existentes e que chama a atenção pelo uso especial e harmonioso do espanhol e do mapudungun. Essa característica, junto com uma temática particular, dão suficientes motivos para conceder a essa linha seu próprio espaço. No caso da literatura chilena, o contato espanhol e mapudungun alcançou um alto grau de desenvolvimento, particularmente no âmbito da poesia. Ali apareceu um conjunto significativo de interesses temáticos e textuais, que para o autor parece adequado chamar de poesia etnocultural.

“Poesía etnocultural’ es un término lógico para una poesía en la que el mayor interés temático es la interacción de grupos étnicos y culturas distintas. Carrasco dice lo siguiente: La poesía etnocultural ha explicitado la problemática del contacto interétnico e intercultural, mediante el tratamiento de los temas de la discriminación, el etnocidio, la aculturación forzada y unilateral, la injusticia social, educacional y religiosa, la desigualdad socioétnica, entre otros, poniendo en crisis las perspectivas etnocentristas predominantes hasta ahora. El hecho de que esta poesía se centra en la problemática étnica se puede comprender con vistas a la historia turbulenta del país y a la situación actual de una sociedad multicultural sin integración total. Los grupos étnicos de Chile enfatizados en los textos de naturaleza etnocultural son los mapuches, los conquistadores españoles, los colonos extranjeros y los chilenos propiamente tales”.

Para Carrasco a poesia etnocultural tem grande valor e o autor a vê como uma derivação da literatura indígena que está mais próxima a cosmovisão mapuche, porque constitui uma expressão de resistência ante a sociedade consumista de caráter massificador e homogenizador, mostrando uma forma de vida alternativa, mais humana, fundada na interculturalidade.

Segunda a teoria de Carrasco, trata-se de um sujeito plural com bom conhecimento da situação etnocultural à qual faz parte, que integra distintos pontos de vista e que se apresenta por exemplo como investigador, cronista e participante. A poesia etnocultural se diferencia de outras linhas poéticas na literatura chilena atual, não só por sua temática, senão também pela sua textualidade particular. Destacam-se características como a revitalização de dialetos, a aparição do código escrito do mapudungun e o uso de diferentes meios como mapas, fotografias e desenhos. Em seus artigos Carrasco destaca o fenômeno da codificação com variantes linguísticas o que chama de colagem etnolingüística e duplo registro. (CARRASCO 1990, p.109)

El collage etnolingüístico es una de las estrategias de doble codificación. En el sentido estrictamente lingüístico el collage es la yuxtaposición de una serie de enunciados, en lenguas diferentes, que conforman un texto coherente. Sin embargo, es preciso darse cuenta de que se trata de lenguas correspondientes a culturas distintas y propias de sociedades en contacto. El collage etnolingüístico, que se encuentra con frecuencia en la obra de poetas de origen mestizo o europeo, existe en dos formas, de las cuales la más simple es el texto dual, con un título en una lengua y un cuerpo textual en otra. El texto mixto, la segunda forma, es un collage propiamente tal, siendo una mezcla de enunciados bilingües colocados en forma alternante en el texto. En la mayoría de los casos es un texto construido por una lengua predominante, con frases intercaladas en otra lengua.

CARRASCO 1991, p. 11-12

Na poesia mapuche há um duplo registro, um em espanhol e outro em mapudungun. Para Carrasco o limite extremo dos textos escritos em dois códigos linguísticos por um mesmo autor é o resultado da dupla elaboração de uma só ideia e não só a mera tradução de um texto e as versões são recíprocas e equivalentes e não uma sucessão ou derivação intertextual. O texto de duplo registro segundo o autor é um duplo sinal, uma mensagem enviada em dois códigos.

Então qual seria a finalidade em reproduzir a poesia mapuche em espanhol e mapudungun? Uma possível explicação seria a necessidade de

adaptação ao multiculturalismo existente e que os rodeia. Uma vez reproduzindo o mapudungun e o espanhol nas poesias, os poetas não só redescobrem e reforçam suas tradições redefinindo sua identidade pessoal e social como também interage com outras, e ao interagir com outras culturas, demonstra que nenhuma sociedade existe no vazio ou no isolamento, senão na interculturalidade.

Sobre los escritores mapuches en particular Carrasco dice que han mezclado su propia lengua con el español mediante las dos estrategias de doble codificación, con el objetivo de “redescubrir sus tradiciones y redefinir su identidad personal y social. Y enseñarnos que ninguna sociedad existe en el vacío y el aislamiento, sino en interacción con otras”. El investigador no se pronuncia directamente sobre la importancia relativa de estos dos objetivos, que en cierto modo están relacionados, pero en sus estudios fija su atención sobre todo en la interculturalidad.

J.A MOENS, 1999 p.44

Em sua tese J.A Moens explica que produzir um texto em duplo registro ultrapassa os limites da cultura própria para entrar em contato com outra, implicando superar a concepção das línguas e culturas como feitos autônomos e isolados, para considerá-los como entidades parcialmente abertas, que existem em interação dinâmica com outras.

Para Carrasco o texto de duplo registro é o resultado da intenção de criar um espaço de encontro intercultural pela incorporação de esclarecimentos no que diz respeito à cultura mapuche harmonizada com essa ideia.

J.A Moens explica que apesar de que nos artigos de Ivan Carrasco os temas da poesia etnocultural e a poesia mapuche serem tratados extensamente deixam algumas perguntas sem respostas, uma vez que segundo Moens, Carrasco não expressa de modo explícito alguns questionamentos como por exemplo: Será que toda poesia mapuche tem essa tendência? Não há características alheias a esta tendência? Todo poeta mapuche se expressa dessa forma? Que é exatamente a poesia mapuche? Para Moens a proposição de que a poesia mapuche é a poesia do povo mapuche é pouco surpreendente, explicando que na literatura é habitual relacionar uma poesia x com a etnia x, porém nos chama a atenção sobre a importância em refletir sobre essa frase antes de iniciar uma análise da poesia mapuche e que na realidade se trata de uma extensão do problema a outra pergunta que resulta em outra pergunta relacionada a identidade étnica do poeta: Quando exatamente se pode falar de um poeta mapuche? E se pensarmos nesta linha de

raciocínio de Moens podemos ampliar este questionamento a questões importantes como a identificação dos mapuches não só como etnia mas também como povo, uma vez que tal definição assume grande diferença no que diz respeito às reivindicações territoriais feitas pelos mapuches, e defini-los como povo, possui um significado muito mais amplo e respeitoso como pudemos ver na análise histórica do povo mapuche no início desta pesquisa que diz:

“O atual "direito indígena" (19.253, de 1993) não resolve os problemas do povo mapuche, não tendo mecanismos de aplicação prática, já que não há nenhuma vontade política para dignificar o povo Mapuche. Também não é ele reconhecido como povo senão apenas como étnia, o que elimina a possibilidade de exigir seus direitos como povos nativos”.

Voltando à análise de Moens que parte da ideia de que a poesia mapuche tem como consequência a exigência de conhecer as origens dos poetas antes de poder classificá-las e estudá-las, duas problemáticas são apresentadas:

O primeiro caso: A poesia, trata-se de uma poesia chilena, uma não mapuche, escrita de tal maneira que não pode ser distinguida facilmente de poesias mapuches; O segundo caso: trata-se de uma poesia de um mapuche, escrita de tal maneira que não pode ser distinguida facilmente de poesias chilenas;

No primeiro caso, as poesias estão escritas por um poeta chileno que se interessa por um povo mapuche e sua problemática. É um chileno que se sente solidariedade com a gente de seu grupo social e trata de mostrar-lo mediante sua poesia. Neste caso as poesias possuem uma temática étnica, parecendo ser indígena pela perspectiva mapuche. A incorporação do mapudungun e a reprodução de gêneros e formas textuais tipicamente mapuches. Segundo Moens ao imitar a escritura dos mapuches o poeta chileno dá a forte impressão de que se identifica com eles e fica claro que neste ato de identificação se confundirá facilmente tal poeta chileno com um poeta mapuche se não se conhece sua procedência.

No segundo caso as poesias são mapuches, porém carecem de elementos claramente mapuches. São poesias contrárias ao caso anterior, escritas em castelhano, desde uma perspectiva não indígena e com temas universais, não manifestam de fato serem textos mapuches. Segundo Moens neste caso é um grupo que sem intenção sai da classe da poesia mapuche uma vez que não se pode constatar sua procedência.

Não é fácil definir o que é exatamente a poesia mapuche uma vez que poemas chilenos se disfarçam de poemas mapuches e também o contrário, ou seja, é muito difícil definir a pureza da identidade poética.

Refletindo sobre os estudos de Moens e Carrasco, é possível compreender melhor a colocação do poeta Elicura Chihuailaf que estudaremos a seguir, de modo mais detalhado, em que há o posicionamento de poeta oralitor e mapuche habitado de uma chilenidade.

Para o poeta Elicura Chihuailaf, o verdadeiro mapuche se distingue não só por dominar sua língua como também por ter o espírito. Para ele o verdadeiro mapuche está dentro dele e esta é a base da autêntica poesia mapuche.

Un poeta mapuche habla desde un conocimiento; conoce la planta medicinal a la que alude, conoce el aroma. Ésta es una diferencia entre la poesía indígena en general y la poesía occidental, opina Chihuailaf. Y para complementar explica que en realidad “lo verdaderamente mapuche o lo auténticamente mapuche no es el tema, sino que el cómo, el efecto que hay en esas palabras.” Él está convencido de que un chileno mapuche, que primero es chileno y luego mapuche, no puede lograr este efecto

J.A MOENS 1997

Moens conclui sua análise sobre a poesia mapuche observando que não existe uma definição única para o poeta mapuche que a poesia mapuche se encontra na fronteira entre a poesia chilena e a indígena e que cada caso é seguido por seus próprios critérios. Para J. A Moens, Carrasco dá grande importância a dados concretos como a ascendência do poeta, enquanto Elicura Chihuailaf toma como critério decisivo que a poesia dá amostras do espírito mapuche e que está escrita desde o mundo de vivências mapuches, dando-nos um ponto de vista que a poesia mapuche possui um alto grau intuitivo.

### **Capítulo 3: A poesia de Elicura Chihuailaf**

#### **3.1 A poesia mapuche contemporânea**

Os poetas mapuches contemporâneos estão apostando em combinar a oralidade com a escrita poética, gerando discursos poéticos que existem paralelamente à tradição poética chilena, argentina ou latino-americana. Possuem novas perspectivas e forçam o leitor a reconhecer na poesia mapuche, um povo diverso cujos habitantes perambulam entre o campo e a cidade; uma nação que luta pela terra, pelo respeito à natureza com todos os seres que habitam nela; o respeito e a valorização da palavra dos avós, base do conhecimento mapuche; a

desconstrução dos discursos de poder e a preocupação pelos problemas ecológicos atuais entre outras temáticas.

Segundo investigações da Memória Chilena da Biblioteca Nacional do Chile (DIBAM)<sup>12</sup>, a poesia mapuche do final do século XX era desconhecida na literatura nacional. A este desconhecimento, somaram-se outros fatores como a inexistência da escrita em mapudungun, a não aceitação de sua língua e cultura própria e a escassa difusão dos textos escritos por mapuches. Porém, vale lembrar que na literatura chilena, há reconhecimento da cultura mapuche em obras como “*La Araucana*” de Alonso de Ercilla e “*Arauco Domado*” de Pedro de Oña. Nessas obras a presença da identidade mapuche é o tema central. Desse modo, o mundo mapuche, tanto em sua cosmovisão como em sua história, foi uma fonte de inspiração para muitos autores como por exemplo Pablo Neruda e Samuel Lillo em “*Canciones de Arauco*”. Na segunda metade do século XX a produção poética de escritores mapuches aumentou consideravelmente. Adriana Pinda, Leonel Lienlaf, Elicura Chihuailaf, Jaime Huenúm, Jaqueline Canihuan, entre outros, são poetas mapuches que se destacaram nos bastidores literários chilenos apresentando uma proposta estética baseada em elementos fundamentais de sua cultura e no contexto de viver como mapuche na sociedade chilena (DIBAM, 2015).

Esse movimento na poesia mapuche provocou uma importante resposta a crítica literária que valorizou essa nova produção poética. O reconhecimento dessa estética particular não só apresenta traços próprios da cosmovisão mapuche, como também inclui elementos da tradição cultural hispânica e chilena. Os temas fundamentais dessas composições são a natureza, os mitos ancestrais e através da memória, a luta contra a perda de identidade no cruzamento das culturas que possuem uma característica própria e as tendências e estéticas da poesia.

Dessa forma partindo do princípio de que qualquer discurso poético evidencia certa representação social, cultural e política, não é neutra, já que o imaginário, esquema mental do poeta enuncia o mundo e o texto é o inconsciente coletivo de um povo, seguiremos nossa análise sobre a poesia mapuche.

E pensando na proposta estética que se baseia em elementos fundamentais da cultura mapuche esta pesquisa escolheu o poeta Elicura Chihuailaf para ilustrar o estudo até aqui desenvolvido, uma vez que o poeta mapuche contemporâneo, parece se destacar na lista dos poetas mapuches não só por suas

---

<sup>12</sup> Licencia Creative Commons Atribución-CompartirIgual 3.0 Unported, <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-775.html>

muitas publicações, entre elas “de Sueños Azules y Contrasueños” traduzidos em diferentes idiomas, sempre acompanhados do mapudungun, senão também porque é uma pessoa muito ativa em círculos literários. As temáticas abordadas pelo poeta são universais, abordam o amor, a morte e a natureza. Ilustrando a imagem da identidade do poeta e da importância da cultura mapuche em suas obras e ao escrevê-las em mapudungun e espanhol parece apresentar uma dinâmica que permite preservar e revitalizar o idioma ancestral mapuche.

### **3.2 Sobre Elicura Chihuailaf**

Elicura Chihuailaf nasceu em *Kechurewe* em 1952, uma vila localizada a 75 Km a leste de Temuco, pertencente à comunidade de Cunco, na província de Cautín da Região de Araucania. Seu nome traduzido significa Pedra Transparente e seu sobrenome Neblina Estendida em um Lago. Na sua infância viveu em uma área caracterizada pela ruralidade e pela cosmovisão mapuche .

Sua educação foi no Liceu Athena Cunco (onde há hoje uma biblioteca que leva seu nome desde 2011). A educação secundária fez no Liceu Pablo Neruda em Temuco e foi interno no Liceu de Homens da mesma cidade. Se graduou em obstetrícia na Universidade de Concepción, porém nunca exerceu a profissão. Casado teve sete filhos. Foi secretário geral da Associação de Escritores em Línguas Indígenas da América (1997-2000) e membro do conselho da Corporação Nor Alinea de defesa dos direitos humanos.

Sua obra se caracteriza por expressar a riqueza cultural diversificada em sua singularidade. Recebeu vários prêmios, alguns de seus livros foram traduzidos em várias línguas: alemão, croata, francês, holandês, húngaro, italiano, sueco e atualmente está sendo traduzido em português. A poesia de Elicura Chihuailaf nos convida a uma reflexão sobre a identidade cultural da nação mapuche, que assim como sua história, língua e tradição oral testifica a presença de uma cultura bem desenvolvida e articulada. Levando em conta que as relações da memória, a identidade, a língua, a cultura oral e escrita da nação mapuche são predominantemente marcadas por relações de poder que vão desde o conceito acadêmico e social, até sua construção historiográfica.

A estandardização linguística pelo uso das línguas oficiais é melhor entendida quando se considera a um idioma como uma fonte de comunicação. A assimilação linguística está associada com a conquista, o colonialismo, o neocolonialismo e a difusão da religião.



A linguagem representa a palavra, os gestos, um modo de representação de compreender a natureza, o mundo, os costumes, as diversidades existentes, entre tantos outros saberes existentes no Planeta. A língua é o meio pelo qual as pessoas se comunicam e interagem entre si, representa a pluralidade na terra que estabelece um diálogo com o mundo social e o mundo natural.

Partindo do ponto de vista de que a relação entre a oralidade e escrita são saberes históricos e que são dialéticos e processuais, que a oralidade e a escrita surgem como modo de perpetuar a memória de uma pessoa ou de um povo; e de que a poesia mapuche contemporânea ao ser representada em mapudungun e castelhano apresenta uma dinâmica intercultural que não só reforça as tradições, mas também redefine a identidade pessoal e social mapuche, tentaremos aqui desenvolver a investigação, analisando o discurso do poeta que se diz “oralitor” habitado de uma “chilenidade”, em alguns de seus escritos, em especial a poesia mapuche, como veremos a seguir.

### **3.3 Oralitor e mapuche habitado de uma chilenidade**

Em uma entrevista dada a Patricia Moscoso a revista Mapuexpress no dia 08 de maio de 2012, é possível compreender os termos usados pelo poeta Elicura Chihuailaf de “oralitor” e “mapuche habitado de uma chilenidade”.

O neologismo oralitura, segundo o poeta, provém de um termo utilizado pelos antropólogos estadunidenses na África que diziam que a “oralitura” é tudo que está escrito desde, ou em torno, do nativo. Para o poeta, esse termo representa para os mapuches, a escrita feita desde a memória de seus antepassados, tentando alcançar sua profundidade e suprir sua emoção e musicalidade, diante da vivência e do diálogo, o que a faz universal, mas que por investigação. A oralitura para os mapuches inclui, não exclui nem reduz.

A primeira vez que o poeta usou esse termo foi no México em um encontro de escritores indígenas e nacionais. Elicura Chihuailaf descreve esse momento falando, que enquanto escutava as respostas dos outros poetas de como escrevia, ia revelando seu próprio processo. Era como se entrasse em um sonho no qual dava voltas, se levantava, andava e às vezes escrevia, de repente escrevia várias notas em um mês, até que chegava o momento em que necessitava contar esse sonho. O poeta prossegue contando na entrevista que conhecendo algo da

escrita indígena, pensava na procedência da oralidade mapuche e que, ainda houvesse diferenças nas visões do mundo, tinham em comum ao falar e escrever, poder sentir a emoção do que sentem.

O poeta explica na entrevista, que a escrita surge nele a partir da expressão oral de um sentimento de não ter com quem falar, por isso tudo começa em uma conversa interior com ele mesmo. É dizer, que sua poesia se origina como uma reflexão que não necessariamente é dirigida ao outro, senão para ele mesmo e os matizes posteriores de caráter massivo e público.

[...] el libro es algo ajeno a mí, se presenta de manera gradual y en la medida en que toma consciencia de que está inserto en un mundo que bien en sus aspectos literarios puede ayudarlo a conformar su identidad y difundir su cultura.

CHIHUAILAF, mayo 2013

Elicura Chihuailaf não se considera um escritor nem poeta, sua poesia mais bem se insere entre a oralidade e a escrita. A partir dessa apreciação se desenvolve sua concepção tão recorrida por pesquisadores que estudam a poesia mapuche. A da oralitura, como registro e criação e descrição da memória de seus ancestrais e fundamentalmente recorrendo à experiência da infância e como esta se modifica com o tempo. O oralitor expõe suas próprias experiências, seus problemas conjunturais, ainda que sempre sob a mirada da sabedoria dos ancestrais. O poeta explica que quando se diz mapuche habitado por uma chilenidade, se expressa com uma identificação pessoal. Elicura Chihuailaf nasceu na comunidade de *Kechurewe*, onde cresceu e vive até os dias de hoje. O poeta fala na entrevista à revista Mapuexpress que depois que o país mapuche foi invadido, o Estado lhes presenteou com a nacionalidade chilena. É dizer que, mesmo que a comunidade chilena de *Kechurewe* “pertença” ao Estado de Chile, antes da invasão pertencia a *Wallmapu* o país autônomo mapuche cujas terras foram usurpadas com o poder estatal, como pudemos comprovar anteriormente na análise histórica. O oralitor complementa ao situar-se em um país diferente ao Chile, falando que o que faz, baseia-se na raízes mapuches e nos quatro ramos fundamentais da árvore da identidade mapuche, os quais vimos na parte desta dissertação que fala sobre a cosmovisão mapuche: a memória de um território histórico, um idioma, uma história e uma visão de mundo.

[...] me parece urgente que la sociedad chilena asuma también su

chilenidad para que comprenda el valor de nuestra mapuchidad. No pienso que la cultura mapuche sea la mejor, pero sí en el derecho de nuestros hijos para que siga existiendo, con los cambios propios de toda cultura. Siento que hablamos desde un país invisible, pero que existe y sigue pensando que el mundo es un jardín. Si bien nuestro color predilecto es el azul, nuestra gente se pregunta qué sería de un jardín con flores de ese solo color. Necesitamos cuidar todos los colores y su diversidad para la maravilla del jardín. Si alguna de ellas se pierde o se marchita, perdemos todos.

CHIHUAILAF, mayo 2013

O poeta conclui seu raciocínio levando-nos à reflexão da necessidade de reconhecimento da sociedade chilena em assumir sua formosa morenidade e identidade. Por essa razão a necessidade de criar uma nova tensão e chamar a urgência para que se recupere a nitidez, e que de modo sincero e profundo se possa reconhecer a maravilha que implica a diversidade cultural existente no país que hoje conhecemos por Chile.

### **3.4 Análise da obra de Elicura Chihuailaf**

De acordo com a análise do discurso que permite compreender melhor o funcionamento da linguagem, os procedimentos analíticos, a prática simbólica e as relações significativas fundamentais entre o homem, a natureza e a sociedade na história, procederemos uma análise significativa com a poesia e outros escritos de Elicura Chihuailaf. Isso nos possibilitará ilustrar a possível dinâmica intercultural existente na poesia mapuche contemporânea e a importância que esta representa.

A dinâmica intercultural existente na poesia mapuche apresentada no mapudungun e no espanhol, representa a imagem identitária e também a revitalização do idioma originário como elemento de integração e reconhecimento da diversidade cultural existente. Esta representa a ideia de uma relação entre a sociedade global e os povos originários com um significativo aporte à solução de alguns dos aspectos de conflito sofridos não só pelos mapuches, senão que por muitos povos originários na América Latina, com respeito à discriminação e incompreensão a diversidades idiomática e cultural existentes.

Tendo como base os aspectos míticos, históricos, orais, linguísticos e idiomáticos citados anteriormente, Elicura Chihuailaf foi escolhido para ilustrar esta pesquisa. Em observações pouco pretenciosas na poesia e escritos de Elicura foi possível perceber que no seu discurso, o poeta parece implantar a dinâmica

intercultural anteriormente citada. E pensando nessa possível dinâmica, podemos imaginar que talvez essa intenção permita que a poesia mapuche seja inserida de modo mais significativo no universo literário que podiam servir de base para promover o reconhecimento do idioma mapudungun e também valorizar a tradição oral de seu povo, assim como colaborar para a preservação da cultura e dos saberes mapuches.

A poesia de Elicura não trata somente da diversidade cultural existente no Chile, mas também dos problemas que envolvem o mundo. O discurso de Elicura nos leva a crer que talvez o poeta tente fazer com que o leitor venha não só respeitar o Planeta como também avaliar a convivência pluriétnica e multicultural no Chile e no mundo. Pode-se ainda imaginar que através da simbologia que são referências na história dos mapuches, como o caso da palavra azul e sonho, o poeta traz a cultura herdada de seus ancestrais mapuches, não deixando que a mesma se perca. Elicura Chihuailaf alcança seu objetivo de não somente deixar registrado em seus livros, a história e a herança de seus ancestrais mapuches e, conseqüentemente a cultura, saberes e idioma dando ao povo mapuche e à literatura um espaço reconhecido.

A dupla codificação, o duplo registro é característica da obra de Chihuailaf. Cabe assinalar que foi um dos primeiros a escrever poesia bilíngue em mapudungun e espanhol. Antes de sair suas primeiras publicações a dupla codificação era um fenômeno praticamente desconhecido no Chile. (El Mercurio, 21/09/1996, O Diário de Aysén, 30/12/1996)

Segundo J.A Moens o caráter bilíngue de sua escrita é, em partes resultado lógico do entorno linguístico no qual o poeta se criou e viveu. Desde pequeno, estava acostumado a escutar e falar tanto o mapudungun como o espanhol. Ao sair da comunidade Chihuailaf começa a escrever em espanhol, o que segue fazendo até a universidade. Porém mais tarde retoma a linguagem que tinha quando menino.

“Mis padres evitaron hablarme en mapudungun, como también a mis hermanos, aunque ellos generalmente lo hablaban entre sí y con los abuelos. Eso como consecuencia de las grandes dificultades que tuvieron que vivir cuando llegaron a la ciudad sin saber hablar absolutamente nada de castellano, exiliados en su propio territorio. Pero mi abuela, con la cual yo pasaba la mayor parte del tiempo, y que me enseñó muchas de las cosas que hoy nutren mi memoria, nunca aprendió a hablar castellano, no quiso hacerlo”.

*El Mercurio, 21-9-1996*

A consequência de sua escrita bilíngue e da publicação de seus poemas é que não só seus descendentes, senão também outra gente, mapuche e não mapuche leem os textos de Elicura Chihuailaf. Sua poesia suscitou interesse de um público tão amplo, em uma dimensão que o poeta não havia contemplado uma vez que quando começou a escrever não tinha a intenção de publicar suas poesias e fazer uma carreira literária. (MOENS, p. 66 a 72)

A poesia de Elicura Chihuailaf se caracteriza não só no bilinguismo, mas também no uso de metáforas que geralmente tem relação com a natureza e de elementos da cosmovisão mapuche. O poeta mesmo escreve “a beirada da oralidade”, trazendo consigo outras características como a musicalidade dos cantos mapuches.

### **3.4.1 Sobre o texto: “Recado de mis Recados” de Elicura Chihuailaf Nehuelpán no livro, *Historias y Luchas del Pueblo Mapuche***

Para Elicura Chihuailaf o país mapuche, *Wallmapu*, foi um país livre, e auto determinado unidos pela diversidade com idioma próprio, o mapudungun. Segundo o poeta e investigador, o povo mapuche possui uma história própria, uma maneira de ser determinada por uma visão de mundo particular que define conceitos próprios de progresso e desenvolvimento, justiça e democracia como pudemos ver no capítulo 1.

“Así cada cultura es un proyecto en la visión del Sueño del Universo nos dijieron.El mundo es como un jardín, oí después. Cada cultura es una delicada flor que hay que cuidar (energizar) para que no se marchite, para que no desaparezca. A veces pueden parecernos semejantes, pero cada una tiene su aroma, su textura, su tonalidad particular. Y aunque las flores azules sean nuestras predilectas ¿qué sería de un jardín solo con flores azules? Es la diversidad la que otorga el alegre colorido a un jardín. Tal como la expresión de esa diversidad, el diálogo de sus pensamientos, es lo que nos permite y nos seguirá permitiendo la más enriquecedora comprensión del mensaje de los sueños”.

CHIHUILAF, 2008, p.12

Nesta citação percebe-se a sensibilidade do poeta ao fazer uma comparação entre as flores e a diversidade existente no mundo. Quando o poeta se

refere aos diferentes aromas, texturas e tonalidade, tais referências nos dão a ideia de diferentes pensamentos, atitudes, características físicas e culturais dos diversos povos que compõem o Planeta. Ao refletir sobre este ponto de vista poético e bastante peculiar se pode observar a vida e a evolução de modo menos agressivo e capitalista, ou seja, de um modo muito distinto do que vivemos atualmente, uma vez que a globalização ainda que defenda a ideia de respeito a diversidade, acaba por render-se a interesses egoístas nos quais a competição e o poder falam sempre mais alto.

Elicura Chihuailaf acrescenta ainda no livro *Historias y Luchas del Pueblo Mapuche* nas páginas 13 e 14 que a franqueza é um elemento básico para a conversação e que o verdadeiro diálogo se deve escutar o que se está dizendo e não só o que se quer ouvir. O poeta compara a sociedade chilena a um menino que se comporta bem à mesa quando há visitas, porém que se comporta mal junto dos seus. A identidade lhe parece determinante junto àqueles que se ama e quando se ama determinando a aceitação que tenha consigo mesmo e com o outro, ou seja: Como falar a respeito quando se ignora e desdenha sem justiça a cultura de um povo? Ao ler os escritos de Elicura Chihuailaf no livro acima citado, e depois as suas poesias, é possível perceber que por detrás de seu discurso há não só uma defesa da cultura mapuche, senão que também uma forte preocupação com a preservação ambiental, uma vez que esta, é uma das bases na qual se sustenta a cultura mapuche.

“Es la diversidad la que otorga el alegre colorido de un jardín. Tal como la expresión de esa diversidad, el diálogo de sus pensamientos, es lo que nos permite y nos seguirá permitiendo la más enriquecedora comprensión del mensaje de los sueños”.

CHIHUAILAF, 2008, p.12

### **3.4.2 A transcrição do mapudungun para o espanhol e dos saberes mapuches no livro “De Sueños y Contra Sueños” de Elicura Chihuailaf**

Os mapuches assim como outras culturas indígenas possuem particularidades e simbologias distintas para representar peculiaridades de feitos que ocorrem na natureza e tudo o que diz respeito à vida. Tais representações são consideradas por muitos como uma visão mística e pouco racional de interpretação,

porém se avaliarmos todos os desastres ambientais que estão ocorrendo na América Latina e no mundo devido à exploração desmedida e imprudente regidas pelas grandes empresas, é possível compreender a força e profundidade existente nessa cultura.

Como podemos perceber, para os mapuches, a natureza não é apenas um adorno, senão um livro de segredos pede ao homem atenção, respeito, confiança e receptividade até o outro, onde deve haver equilíbrio de espírito e do coração.

Ao ler o livro *Historias y Lucha del Pueblo Mapuche* foi possível encontrar a representação da palavra azul e sonhos em um relato do poeta Elicura Chihuailaf que nos mostra parte da definição e representação dessas palavras como poderemos confirmar a seguir.

Hoy en medio de esta compleja y globalizada modernidad, buscamos el camino de regreso hacia la autonomía y a la autodeterminación. Queremos como todos los seres humanos, respirar el "Aire Azul de la Libertad".

CHIHUAILAF, 2008, p.11

Ao falar sobre o "Aire Azul de la Libertad" Elicura Chihuailaf se refere a "*Kalif Epew*" que em mapudungun quer dizer Relato Azul. Nesse relato dos ancestrais mapuches, o poeta fala sobre a tradição oral, sobre o Espírito Mapuche que veio do Azul e não de qualquer Azul, senão que do Azul do Oriente, o mais profundo azul de quando se termina a noite e começa o dia. O Azul que é energia do infinito que é a energia que nos habita e que quando abandona nosso corpo segue sua viagem até o poente para reunir-se com os espíritos dos recém falecidos até o lugar Azul de origem para complementar o círculo da vida.

#### **Trekayawin mawiza mew**

Amulen ñi gollifgen Klifvelu mew  
ragi pu row  
gollipeyem gillatuwe mew

#### **Caminata en el bosque**

Ebrio de Azul voy  
entre follaje  
de la taberna sagrada

ELICURA CHIHUAILAF, 2002 p.132-133

Segundo a tradição oral mapuche recorrida pelo poeta, a representação do Azul, nos dá a ideia da totalidade sem exclusão a integridade sem fragmentação de todo ser vivente da vida. É o que chamamos de biodiversidade, e ainda reforça que somos apenas uma pequena parte do Universo, uma parte mais da natureza, do Planeta Terra e por ser apenas uma parte a mais, implica a ideia de reciprocidade.

Na linguagem dos *Pelma* (sonho em mapudungun) ocupa um espaço fundamental. Para eles nos sonhos se constata que quando se anda, as pegadas ficam. Por essa razão se revela seu curso no decorrer do tempo, porque são pegadas profundas e podem ser lidas mais facilmente que aquelas do passado longínquo e imediato e menos ou mais cobertas pelo pó da terra e da recordação.

Na apresentação feita por Teresa Sabastián, poeta e amiga de Elicura, no livro *“De Sueños y Contra Sueños”* há uma citação que nos leva a compreender melhor a definição da palavra sonho na cultura mapuche que diz: *“Los sueños no son para acumular, ni para entregarse a fantasía. Los sueños son una rendija de luz para el ejercicio del poder del espíritu...El hombre que vive y no sueña es un hombre muerto en la vida. Más ¡ay! De aquel que sueña y no realiza sus sueños. Acosado por las pesadillas acaba por sucumbir al insomnio de una realidad que no es suya. Eso dice la sabiduría indígena”*<sup>13</sup>.

Partindo desta citação, podemos pensar que a palavra Sonho possa ser representada aqui com muito mais simbologia do espírito os Sonhos parecem aqui representar nossa capacidade de pensar *“... ejercicio de poder del espíritu...”* ou seja, o homem que desenvolve essa capacidade não só conduzirá sua vida de modo mais proveitoso, como também fará diferença em seu meio e com todos aqueles que convivam com ele. “[...] mas ¡ay! de aquel que sueña y no realiza sus sueños [...]” “é possível imaginar que nesta parte da citação faça referência a um homem que não pensa por si só e que não desenvolvendo sua capacidade de sonhar acaba por ser manipulado pelos demais e encurralado pelos pesadelos acaba cedendo à insônia de uma realidade que não é sua.

No livro o poeta não só transcreve a tradição oral mapuche em palavras, como também as escreve em mapudungun e espanhol. Esse diálogo idiomático permite ao livro, não só para representar a preocupação que o poeta tem de levar adiante a cultura oral mapuche senão que também apresentar um modo de representar a história de seu povo, preservar seu idioma mapudungun e sua

---

13 Apresentação feita por Teresa Sebástián, poeta e amiga de Elicura, do livro *De Sueños Azules y Contrasueños*



identidade mapuche registrando por meio de suas poesias a inserção da literatura mapuche no cânone literário chileno.

Na apresentação do livro Teresa Sebastián nos mostra que a poesia de Elicura nos convoca a um sentimento de gratidão profunda pelos que precederam esse passado que não passa e que se guarda na memória, como talismã valioso que guarda o viajero em sua bagagem, e alento pelos que prosseguem no sonho do presente até o futuro ainda sem desenhar e ainda que escuros apareçam os perfis que anunciam, sempre fica um resquício iluminado que os poetas livres agradam.

Com essa declaração de Sebastián, pode-se interpretar a ideia de que os mapuches veneram e conversam com o deus poético “*El Azul del Oriente*” falando das origens e que esse hábito (o conversar poético) nos traz a ideia do contato que se faz com a Terra de Cima e a Terra de Baixo. Essa linguagem metafórica que vimos no capítulo sobre a cosmovisão mapuche, está presente na oralitura de Elicura Chihuailaf, uma vez que este deus poético vive na palavra.

#### **Inafvl Pewma mew**

Inafvl Pewma mew amulen  
 welu eyimi iñchiw ta pewam  
 Welu eyimi ayiwelan  
 zipufili wvla ti rayen  
 vgvmitew  
 Chem koyla zuguno felchi  
 piam Kallfvwenu mew  
 Chem koyla zuguno felchi  
 piamnew ti kom pu ko.

#### ***En la orilla de un Sueño***

*En la orilla de un Sueño viajo*  
 Tan solo para encontrarme contigo  
 Pero si tú ya no me mas  
 por debajo de la tierra seguiré  
 hasta alcanzar las flores  
 que me esperan  
 Qué desengaño podrá decir  
 al cielo Azul  
 Qué desengaño me dirán  
 todas las aguas.

*CHIHUAILAF, 2002, p.65*

Se pensarmos na simbologia da palavra sonho como a capacidade de pensar e de ter ideias próprias, nos remetendo-nos ao capítulo em que abordamos a autonomia mapuche, e de que um homem que possui ideias próprias não se deixa manipular com facilidade, é possível interpretar que ao escrever “*En las orillas de un sueño*” [...], el poeta parece dizer que nas beiradas de um sonho representa o caminho do conhecimento que avança e ao prosseguir falando: [...] “*tan solo para encontrar-me contigo*” parece propagar o desejo de fazer com que outras pessoas despertem para aprender e perceber que é possível crescer através do estudo e do conhecimento. Ao falar sobre o desengano parece referir-se ao fracasso caso a propagação do conhecimento não ocorra, ou seja, desse modo, um não passará pela Terra em desengano. Ao falar “*Pero si tú no me amas por debajo de la tierra seguir é hasta alcanzar las flores que me esperan*”, nesse trecho o patriotismo e a necessidade de preservar as raízes e passá-las adiante, parece reproduzir a cultura mapuche ancestral, sua história e também sua luta voltando a ideia do deus poético e suas origens.

Para J.A Moens, o livro “*De Sueños Azules y Contrasueños*” de Elicura Chihuailaf, significa as ilusões e as desilusões. Para Moens, o sonho azul sobre o que escreve o poeta partindo de temas como a vida, a morte, o amor e a identidade mapuche, representa os ideais do povo mapuche e uma situação em que o espírito mapuche terá possibilidade de viver livremente, sem a ameaça constante que constituem os “*contrasueños*”: a colonização, a cidade, a opressão, etc.

#### **Chem kaw norume gewelayan tvfachi mapu mew**

Chem kaw norume gewelayan  
 tvfachiMapu mew, piwvn  
 ñi kvrvf mew, re nvtramkaleygu  
 Kvyen egu  
 ñi ko um kiñe rayen:  
 ñi zuguy ñi tukulpan mew.

#### **Nada de mi quedará em esta Tierra**

Nada de mí quedará em esta  
 Tierra, me digo  
 en su aire, sólo mis

conversaciones con la Luna  
 en sus aguas una flor:  
 la levedad de la memoria.

ELICURA CHIHUAILAF, 2002 p.120-121

O universo é uma dualidade, o bem não existe sem o mal diz o poeta em “*Sonho Azul*”. São palavras que parecem aplicáveis a todo livro. Como símbolo do positivo e do negativo, das forças protetoras e destrutivas que atuam sobre o espírito mapuche, aparecem no livro as serpentes Ten Ten y Cai Cai que são protagonistas do mito homônimo. À parte da referência a este importante mito mapuche, a poesia de Elicura Chihuailaf é de auto grau biográfico, e se caracteriza pelo uso frequente de metáforas que geralmente têm relação com a natureza e de elementos da cosmovisão mapuche. (J.A MOENS, 1999 p.72)

Segundo Moens, Elicura Chihuailaf e outros poetas mapuches como Jaqueline Caniguán, Rayen Kvyeh, chamam a atenção por não se limitarem ao uso de uma só língua. Na poesia mapuche aqui ilustrada com o exemplo no livro de Elicura Chihuailaf apresenta o fenômeno da dupla codificação anteriormente citada, apresentando desse modo a dinâmica intercultural aqui proposta e defendida por Moens de modo tão abrangente.

En la poesía de cada uno de los tres poetas se presenta el fenómeno de la doble codificación, que quiere decir que en un solo texto han sido usados dos códigos lingüísticos distintos, en este caso la lengua mapuche – el *mapudungun* – y la lengua española. La forma específica de la doble codificación en la que están escritos la mayoría de los textos poéticos analizados – i.e. los libros enteros de Chihuailaf y Kvyeh y dos de los ocho poemas de Caniguán – la ha designado Iván Carrasco con el término doble registro.

J.A Moens, 1999 p.74

O caráter bilingue na poesia de Elicura Chihuailaf é o resultado da experiência vivida em sua comunidade mapuche, em território hoje conhecido por Chile, e do processo identitário do poeta com os dois idiomas: o espanhol, aprendido na escola e o mapudungun que faz parte de suas raízes. O poeta pretende dessa forma, representando sua poesia em espanhol e mapudungun, alcançar com sua poesia, a conservação do espírito e da identidade mapuche de modo que sua cultura ancestral não se perca com o tempo.

En lo concerniente a Elicura Chihuailaf, el análisis ha comprobado que el carácter bilingüe de su escritura es en parte el resultado lógico del entorno lingüístico en que se crió este poeta. En parte, también, se trata de una elección deliberada del propio poeta, lo que se deduce del hecho de que después de un período en que se vio obligado a limitarse al uso del castellano, retoma el uso de ambas lenguas. Chihuailaf mismo ha explicado que el retorno al uso del *mapudungun* ha formado parte de la vuelta a sus raíces, las cuales se encuentran entre los mapuches.

J.A MOENS, 1999 p.75

Segundo Moens é necessário atentar-se para um detalhe como o que Iván Carrasco menciona sobre a escrita de duplo registro ao dizer que essa característica na poesia mapuche, seja automaticamente um diálogo intercultural, uma vez que ao manejar o espanhol um poeta mapuche não necessariamente transpasse os limites de sua própria cultura.

No que diz respeito a esse assunto, Moens nos mostra que é importante ter em conta que o ponto de partida de Iván Carrasco parece abordar os mapuches, que escrevem seus textos, tomando como base o mapudungun e que acrescentaram o espanhol como segunda língua. Dessa colocação de Carrasco se deduz, segundo Moens, que os textos poéticos mapuches de duplo registro são feitos por poetas de origem mapuche que usam sua própria língua em interação com o espanhol no Chile.

Em uma análise feita por Moens de amostras de poetas mapuches (entre eles Elicura Chihuailaf) que elegeram escrever também em espanhol (uma vez que esse idioma também fazia parte de suas vidas), resultou que o uso do mapudungun em suas poesias, estava relacionado fortemente com o desejo de retornar aos mapuches e que o duplo registro, e em especial o mapudungun, nasce principalmente pela necessidade destes poetas enfatizarem e afirmarem sua identidade mapuche.

Además de la doble codificación, hay otros aspectos textuales que son de importancia para la respuesta a las preguntas formuladas en esta tesis. Como el lenguaje, la forma en que está presentada la poesía y las figuras retóricas utilizadas pueden indicar la identidad asumida por los poetas mapuches.

J.A MOENS, 1999 p.77

Moens comenta sobre mais uma importante observação de Carrasco ao dizer que os textos mapuches de modo geral, mantêm laços com a tradição oral. Cita o estilo de Elicura Chihuailaf que possui laços marcantes com a tradição oral e

que possui características muito fortes do que Carrasco chama de poesia etnoliterária, justificando o termo usado pelo poeta de oralitor, uma vez que, o poeta ao escrever sua poesia, busca conscientemente aproximar-se da oralidade e de suas raízes com o mundo mapuche.

Entre los factores determinantes de la impresión que una obra poética causa en los lectores, se encuentra además de la forma (sea moderna, sea tradicional) también la persona del hablante. Llama la atención que, por lo que respecta a este aspectoestilístico, hay importantes puntos de coincidencia en las obras de los tres poetas. Entre estos está el hecho de que prácticamente todos los poemas están escritos desde la perspectiva mapuche. Hay un hablante que se presenta como mapuche (Chihuailaf y Caniguán) o como cronista presentando la historia desde la perspectiva de los mapuchese identificándose con ellos (Rayen Kvyeh). El uso de tal tipo de hablante le produce al lector un sentimiento de contacto directo con el mundo mapuche, y también de distancia de los *huinca*.

J.A MOENS,1999 p.78

Ao usar ao lado do espanhol o mapudungun, segundo Moens, o poeta consegue atingir também leitores mapuches urbanos que possuem/possuíram pouco contato ou nenhum contato com suas raízes, deixando desse modo, a transmissão da cultura e dos saberes mapuches.

O libro *De Sueños y Contra sueños* de Elicura Chihuailaf nos apresenta não só um diálogo idiomático e a preocupação em levar adiante a tradição cultural mapuche, mas também representa a história de seu povo, a identidade mapuche e a inserção da literatura mapuche no Chile e no mundo.

O título nos sugere a ideia de ilusão e desilusão, da dualidade entre o bem e mal (também representada no mito de “*Ten Ten y Cai Cai*”), as forças positivas e destrutivas, a vida e a morte, a cidade e a comunidade, a identidade mapuche e chilena, entre outros. O “Sueño Azul” parece representar os ideais do povo mapuche e de seu espírito livre e autônomo.

Quando o poeta se refere ao “*Sueños Azules*” parece mostrar o quanto é importante a natureza para os mapuches enfatizando sua beleza e fertilidade. Ao mesmo tempo que relaciona o sentido positivo que a natureza representa, aparece também o lado negativo com a palavra “*contrasueño*” a qual associa com a tristeza de amor, da solidão e da discriminação.

A poesia vista e analisada de Elicura Chihuailaf não só no livro *De Sueños y Contrasueños*, expressa direta e indiretamente os sentimentos e as experiências do poeta levando-nos à ideia da diversidade de atitudes que desvendam pouco a pouco reflexos de sua identidade.



## Capítulo 4 Poesia, Língua e Identidade Mapuche

### 4.1 A poesia mapuche representada em mapudungun e espanhol

Os mapuches possuem uma cultura de tradição oral que transmite o *ethos* do seu povo, que constitui caráter comum ou forma de vida que adota um grupo de indivíduos de uma mesma comunidade, de geração para geração.

Segundo Ximena Antônia Diaz Merino em um artigo feito a revista de Literatura, História e Memória da Universidade Unioeste de Cascavel, na atualidade a passagem da oralidade para a escrita tem sido uma estratégia utilizada pelos poetas mapuches em suas poesias, para registrar no papel os testemunhos vitais no momento de pensar sua reconstrução como povo.

Ao considerar as múltiplas riquezas dos relatos orais, esta poesia é o registro da resistência desses povos que se opuseram ao conquistador entre os séculos XVI e XVIII. Resistência que prosseguiu no século XIX frente ao estado chileno e que no fim do século XX foi subjugada pela força militar. As opressões sofridas pelos mapuches durante o processo de conquista não foram diferentes de outros povos originários na América. Até os dias de hoje mecanismos coloniais se articulam às situações culturais, sociais e literárias dessa nação.

A resistência mapuche não se resume apenas às armas, nem à defesa de terras, se não que, à persistência e continuidade de sua cultura. A opressão e subjugação vividas pelos povos originários na América Latina faz surgir um sujeito social que através de seu discurso torna possível a recuperação de sua história e de sua cultura tendo como uma das formas de expressão a poesia.

Historicamente a análise das situações coloniais foram realizadas sob perspectiva hegemônica das culturas colonizadoras, mas atualmente, a partir da pluralidade das tradições culturais, novas perspectivas são construídas. Para Walter Mignolo, a crítica pós colonial tem construído um importante espaço de discussão na América Latina a partir da década de cinquenta do século XX. De acordo com Mignolo a teoria pós colonial deve ser pensada a partir das fronteiras e da perspectiva da subalternidade por um sujeito epistêmico que reflita desde e sobre as fronteiras, a partir de uma perspectiva de enunciação localizada na América Latina.

A pesquisadora Ximena Antônia Diaz Merino em seu artigo cita o texto *Recado confidencial a los chilenos* de Elicura Chihuailaf no qual o poeta mapuche

explica como o seu povo foi despojado de suas terras e a discriminação da qual fazem parte.

Yo nací y crecí en una comunidad mapuche en la que nuestra mirada de lo cotidiano y lo trascendente la asumimos desde nuestra propia manera de entender el mundo: en mapuzungun y en el entonces obligado castellano; en la morenidad en la que nos reconocemos; y en la memoria de la irrupción del Estado chileno que nos ‘regaló’ su nacionalidad. Irrupción constatable ‘además’ en la proliferación de los latifundios entre los que nos dejaron reducidos [...] Imagínense, por un instante siquiera, ¿qué sucedería si otro Estado entrara a ocupar este lugar y les entregara documentos con una nueva nacionalidad, iniciando la tarea de arreduccionarlos, de imponerles su idioma, de mitificarles – como forma de ocultamiento – su historia, de estigmatizarles su cultura, de discriminarlos por su morenidad? ¿Se reconocerían en ella o continuarían sintiéndose chilenos? ¿Qué les dirían a sus hijas y sus hijos?

CHIHUAILAF 1999, p.12

Neste trecho é possível enxergar em Elicura o oralitor anteriormente citado, que utiliza sua poesia bilíngue para aproximar em um resultado lógico, o que foi o entorno linguístico em que se criou e viveu. A partir dessa apreciação é possível também compreender a escrita como registro e criação que se baseia na memória de seus ancestrais e recorrendo a suas memórias que vão se modificando com o tempo

Merino explica em seu artigo que a história narrada por Chihuailaf não tem sido esquecida, que o povo mapuche continua reivindicando suas terras e sua cultura. Na atualidade a estratégia de resistência que o povo mapuche tem adotado contra o processo de aculturação e dominação é a poesia bilíngue que visa à conservação da etnia mapuche. Para a pesquisadora, é uma textualidade que constitui a marca identitária do povo mapuche contemporâneo. A escrita em mapudungun e em castelhano é um dos elementos relevantes de seu presente cultural que alcança seu ápice na poesia. Esta textualidade poética constitui um ato de resistência, posto que o legado de seus antepassados é sua base inspiradora.

Dessa maneira a poesia *mapuche* abre um leque de possibilidades estéticas, biculturais e bilingües recuperando o passado cultural das comunidades indígenas a partir de uma visão comunitária e pessoal. A literatura indígena, escrita por indígenas propõe pensar a partir de outras perspectivas o mundo conhecido e habilitar um novo diálogo baseado no respeito pela diferença, [...]

MERINO, 2013 p.07



Seguindo a linha de raciocínio acima, podemos avaliar a questão identitária que nos apresenta um sujeito que se encontra entre duas culturas e que é capaz de articular dois legados culturais, levando-nos a compreender a crítica pós colonial de Mignolo, pensada a partir da enunciação localizada na América Latina, cujo pensamento fronteiriço leva à de colonização intelectual e possibilita a reconstrução de uma realidade fraturada.

[...] el derecho a una diferencia que fue impuesto en el ejercicio de la colonialidad del poder, y que es asumida ahora por quienes fueron identificados como el OTRO desde el siglo XVI hasta la fecha.

MIGNOLO 2003, p.10

Merino prossegue explicando que a partir do planteamento apresentado, se objetiva verificar a permanência da colonialidade e do pensamento fronteiriço como opção “de-colonial” na poesia mapuche contemporânea e na de Elicura Chihuailaf, cujas criações, articulam a partir de um sujeito subalterno, na que ocorre a interação de duas culturas, a mapuche a a chilena, manifestada em duas línguas, o mapudungun e o espanhol, revelando a visão de mundo de quem habita a fronteira entre o mundo indígena e o ocidental.

Uma das características da poesia *mapuche* é sua referência à história, seus temas falam das vivências, raízes culturais, evocam os antepassados, fala de seus heróis e aborda a história recente. Um espaço textual em que passado, presente e futuro encontram um *locus* de enunciação para resgatar sua memória histórica e reafirmar a essência *mapuche*.

MERINO 2013, p.08

Diferente do epeu (contos) e do ül (canto), o texto bilíngue representado nas poesias é a expressão mapuche utilizada a partir do século XX, momento em que os poetas mapuches fazem da escrita um meio de assumir sua identidade, uma poesia que revela resistência, como resultado da injustiça social que tem feito sumir sua etnia e seus saberes. Após esta definição, Merino cita o registro de Elicura Chihuailaf de (1888, p.77) em “*El país de la memoria*” no qual o poeta se pronuncia: “Um indivíduo nasce mapuche e morre sendo-o, a escrita é uma das grandes maneiras de guardar e de recuperar a alma do povo mapuche, e a poesia é a criação literária que por sua vez dignifica e dá a continuidade da alma araucana”.

Partindo da explicação dada por Merino, os escritores mapuches podem ser considerados agentes literários e artísticos inovadores, pois escrevem em mapudungun e espanhol, estabelecendo relações de igualdade com as funções desempenhadas pelos indivíduos da sociedade mapuche ancestral e se transformam em elementos sincréticos de sua cultura. Os versos bilíngues de Elicura Chihuailaf fazem referência à oralidade como uma das características fundamentais da cultura mapuche, em que através de seus versos assume a voz de seu povo em um diálogo intercultural entre a língua mapudungun e a castelhana.

Chihuailaf revela através de seus escritos a problemática resultante do contato inter-étnico e inter-cultural como a discriminação, o etnocídio e a injustiça social com o intuito de re-descobrir seu passado e re-definir sua identidade pessoal e social. O etnocídio, conceito que se refere ao extermínio cultural de um povo por meio da imposição forçada de um processo de aculturação a uma cultura por outra mais poderosa, que conduz à destruição dos valores sociais e morais da sociedade dominada, se constitui em um dos fatos vivíveis ao longo da formação da sociedade chilena. Portanto, para decodificar a expressão poética escrita em '*doble registro*' é necessário fazer referência às duas culturas implicadas (*mapuche* e chilena) nessa formação e colocá-las em contato, interpretá-las.

MERINO 2013, p.11

A poesia bilíngue representa uma proposta intercultural que aborda o contato interétnico e conseqüentemente temas como discriminação, a aculturação e o respeito à diversidade. A expressão escrita, que antes era uma estratégia de poder utilizada pelo europeu durante a conquista e a colonização, hoje é utilizada pelos mapuches, como resposta de preservação de seu idioma, de sua memória e de sua cultura.

## 4.2 A Língua

O mapudungun durante muitos anos tem sido foco de estudos por diversos ramos disciplinares, a língua mantém-se viva mesmo frente a todos obstáculos enfrentados pela nação mapuche.

A incorporação da sociedade mapuche à sociedade nacional chilena sofreu grandes mudanças no campo linguístico. Devido à política prolongada de integração e castelhanização, a língua mapudungun vem sendo ofuscada em grande parte pela língua considerada oficial, o espanhol, pelo Estado. Como resultado, a

situação linguística mapuche de hoje se caracteriza pelo bilinguismo do mapudungun e do espanhol. O uso de uma e outra língua está condicionado pelo entorno social. Dessa forma o mapudungun está ligado às comunidades mapuches que o relacionam a cultura tradicional.

El bilingüismo y el cambio del lenguaje hacia el castellano, han dado lugar a especulaciones sobre el futuro del *mapudungun*. Aunque hay optimistas (Croese 1983: 29; Fernández de la Reguera y Hernández 1984: 44), muchos creen que el *mapudungun*, por su nivel muy bajo de prestigio social, es una lengua en peligro (Salas 1987; Brown 1995: 63). Esta lengua, que todavía tiene gran vitalidad en la zona rural, en la ciudad claramente ha sido relegada a un segundo plano. Sin embargo, parecen ser sobre todo los mapuches residentes en este último medio social los que se preocupan por la supervivencia de la lengua.

MOENS 1999, p.29

A identidade cultural se desenvolve no seu território ancestral e mesmo que a uniformidade cultural seja fomentada pela sociedade maioritária, o povo mapuche, ainda mantém seu idioma mapudungun e sua identidade marcada pela sua cultura, história, espiritualidade, modos de vida e aspirações comuns. Seus membros estão regidos pelo “AD-MAPU” o código de prática, o qual regula e sanciona seu comportamento com os demais e sua responsabilidade ante a comunidade. (BENGOA 1996, p.14)

O mapudungun é um patrimônio que define a identidade do povo mapuche. Manter sua vigência e revitalização no contexto sociocultural chileno é muito importante. Para isto é necessário a manutenção dessa língua e ter o devido respaldo governamental para converter-se em uma língua autossuficiente. Tudo isso contribui para a continuidade do modo de vida de seus usuários, assim como o reflexo fiel de sua cultura dentro de um mundo multicultural. A autonomia idiomática do mapudungun e de outras línguas originárias na América Latina, implica em restabelecer o valor das línguas originárias com direitos e hierarquia com o espanhol, reconhecendo que formam parte da identidade.

### **4.3 A imagem identitária Mapuche**

Na história do povo mapuche descrita no início desta pesquisa, a cultura que domina tende a desqualificar a cultura dominada. As oposições entre civilização e barbárie, entre a modernidade e a cultura indígena da colonização, se mantêm até

os dias de hoje, da mesma forma que as valorizações negativas dos mapuches originadas por ela. Ao mapuche contemporâneo ainda se descreve estereótipos e características como, ladrão, bêbado, tacanho, fechado entre outros. (BENGOA 1996, p.22-23)

A ilusão da ausência da discriminação racial e conseqüentemente a existência de igualdade de oportunidades para todos, levou à ideia de que a baixa posição social ocupada por alguns mapuches não seja fruto das relações étnicas desiguais, senão resultado das capacidades e esforços limitados do grupo étnico mesmo.

O revisar da história permite-nos compreender as permanências das “linhas abissais” que se revelam plenas na manutenção de discursos de inferiorização das “tradições mapuches”: vistas, então, como uma expressão do “atraso” que colide com os anseios de uma nação em busca da sua “modernidade”. Trata-se de compreender o atual cenário como um legado das políticas coloniais – em referência à edificação do Estado Chileno – assim como as problemáticas derivadas das políticas econômicas mais recentes, que obedecem predominantemente aos interesses de exploração desses territórios por setores do Estado e de determinadas transnacionais.

O conflito entre mapuches e o poder Estatal sempre existiu, porém na década de noventa juntamente com o desenvolvimento da escrita e do grafenário mapuche, o povo mapuche ganha mais força respondendo à opressão estatal. Cresce fortemente o reconhecimento das especificidades socioculturais mapuches frente ao restante da sociedade chilena. E se por um lado o Estado buscava atingir a sua totalidade é justamente na tensão e no conflito que o movimento mapuche emerge com discursos elaborados reforçando o valor de sua identidade e cultura idiomática.

Esse “reafirmar” se expressa na busca da “recuperação” e na (re)sedimentação identitária da Nação Mapuche. Dessa forma, a década de noventa introduz novos desafios para a luta, pois “se empieza a plantear el tema de la autonomía política y territorial del pueblo mapuche, y la exigencia de ser reconocidos como un “otro” distinto del resto de la sociedad chilena, con derechos que surgen desu particularidad”.

Br Ríos, 2002, p.326

A ligação entre “identidade” e “terra” é visceral na cosmovisão mapuche, no entendimento de si e da sua comunidade, do próprio wallmapu, o País Mapuche. Mapu significa terra, enquanto che significa pessoa. Há aqui uma ligação indissociável da identidade coletiva e individual com o meio: a pessoa, o que ela é e representa, está intimamente ligado à terra. Logo, o movimento mapuche reclama não somente a “reconstrução” da sua identidade há muito desvalorizada e corroída pelo processo colonial, mas remete à vontade de criação de uma *identidade coletiva* que face ao projeto de Nação chilena passa a reafirmar-se pelo questionamento do “outro estabelecido”: da sociedade chilena e do próprio Estado.

#### **4.4 Reconhecimento da diversidade existente no Chile**

Com o regresso da “democracia” em 1990, a situação indígena não mudou substancialmente posto que o regime democrático por uma parte privilegiou o modelo neoliberal vigente e os compromissos contraídos no acordo entre o candidato presidencial e os representantes indígenas não foram materializados, salvo a nova lei indígena, essa lei ficou mais conhecida como a lei indígena 19253 que ao ser aprovada em 1983, foi incapaz de reconhecer os direitos territoriais e culturais como povo indígena, essa lei ficou mais conhecida como a lei indígena, de declaração dos direitos indígenas da ONU em 2007, do convênio 169 da OIT de estabelecer uma Reforma Constitucional que possa reconhecer a diversidade cultural e multiculturalidade do Estado chileno. A lei 19253 não estabelece a demanda central da recuperação das terras usurpadas e conceitualiza a realidade mapuche como fenômeno social, de carências, de recursos, mais que cultural e político.

A lei criou também a Corporação do Desenvolvimento Indígena (CONADI), instituição estatal que não conta com recursos suficientes para responder as necessidades das comunidades nem têm atribuições para gerar uma política global que assuma a realidade como povo indígena sobre tudo, quanto à proletarianização e aos níveis de pobreza seguem incrementando e reproduzindo na maior parte das comunidades indiscriminadamente. O Estado deve retificar sua política e reconhecer o povo mapuche como uma sociedade que vive e mantém sua cultura e que que as demandas atuais são históricas e estão enraizadas em um

processo de identidade e nacionalismo indígena que vai muito mais adiante que o território que se demanda

Com base nesses fatores, podemos perceber que o regime aparentemente democrático no Chile não existe e que é vazio na sua representatividade. O reconhecimento da interculturalidade e diversidade no país é inexistente e por esta razão nos leva a crer que a democracia e integração desejada não só no Chile como em toda a América Latina, é uma realidade utópica.

Ao pensar nessa realidade utópica, tendo como foco, a importância do reconhecimento das diversidades culturais existentes na América Latina, podemos pensar na necessidade de maior consideração Estatal dos direitos básicos e humanos nos âmbitos culturais e identitários. A citação abaixo de Catherine Walsh exemplifica essa linha de pensamento:

“Proveniente de una necesidad de mayor protección frente a los Estados coloniales y hegemónicos y de nociones históricas y colectivas de identidad y de cultura que también implica territorialidad, los indígenas han impulsado un mayor debate, reconocimiento y consideración de los derechos básicos y humanos en los ámbitos culturales e identitarios. Este debate tiene su raíz en la noción de identidad cultural específicamente en el concepto de "pueblo" y en la comprensión y aceptación legal de la naturaleza tanto individual como social del sujeto del derecho en la diversidad de las culturas democráticas”.

WALSH, 2012, p.08

Por meio das perspectivas históricas aqui apresentadas é possível compreender melhor como se formou o pensamento chileno e o desenvolvimento econômico no Chile até o período contemporâneo e da importância que representa viabilizar de modo significativo o reconhecimento da diversidade existente no seu país. Esses argumentos nos permitem pensar nos processos falidos com que se buscou e se busca ajudar as comunidades menos favorecidas no Chile e também em outros países latino americanos, cujos Estados ainda tentam resgatar, com estereótipos o discurso hegemônico.

## Conclusão

A Língua fala muito sobre a cultura e a identidade, ela nos permite conhecer questões espirituais, sociais, ideias sobre o que é o indivíduo e sobre a sua vida. Do mesmo modo que as curas as enfermidades da humanidade esperam ser encontradas nas plantas da selva, as línguas originárias também contêm muitas ideias, percepções e soluções sobre a interação entre os seres humanos e com o mundo natural. As línguas são muito mais que meras palavras, são o que sabemos, o que somos.

A situação das línguas indígenas no Chile e na América Latina, entre elas o mapudungun, é de extremo risco de perda ou extinção. A oficialização do mapudungun e de outras línguas originárias, é antes de tudo, uma luta política de descolonização, tão importante quanto a luta pelas terras usurpadas.

A língua está relacionada diretamente ao processo identitário do sujeito, ela representa e fala muito sobre a cultura e os costumes de um povo. A luta pela construção de uma nova sociedade, nasce do plurilinguismo e das relações interculturais entre povos distintos.

A identidade cultural se desenvolve no seu território ancestral, e mesmo que a uniformidade cultural fomentada pela sociedade seja majoritária, o povo mapuche ainda mantém seu idioma mapudungun e sua identidade marcada pela sua cultura, história, espiritualidade, modos de vida e aspirações comuns.

O Estado chileno deve retificar sua política e reconhecer o povo mapuche como uma sociedade que vive e mantém sua cultura e que esta não se articula com a economia de mercado e que as demandas atuais são históricas e estão enraizadas em um processo de identidade e nacionalismo indígena que vai muito mais além do território que se demanda.

No contexto histórico mapuche, a autonomia reivindicada, provém de raízes prévias a constituição do Estado moderno, razão esta que origina as atuais resistências por diferentes tipos de autonomia que lhes foi tirada, entre elas a autonomia idiomática.

A autonomia idiomática na América latina implica em restabelecer o valor das línguas originárias com iguais direitos e hierarquias com o espanhol, reconhecendo que formam parte da identidade.

O mapudungun é um dos patrimônios que definem a identidade do povo mapuche. Manter sua vigência e revitalização no contexto sociocultural chileno é muito importante. Para isso é necessário a manutenção desta língua indígena, e que

a mesma, deve ter o devido respaldo governamental para converter-se na língua saudável e autossuficiente. Tudo isso permitirá a continuação do modo de vida de seus usuários, assim como o reflexo fiel de sua cultura dentro do mundo multicultural.

A intenção desta pesquisa foi analisar a importância dos saberes mapuches transmitidos pelas tradições oral e escrita mapuche. Tais definições trazem não só as características identitárias do cidadão contemporâneo mapuche assim como trazem características muito importantes de sua cultura.

A poesia mapuche não só transcreve a tradição oral mapuche em palavras, como também as descreve em mapudungun e espanhol e para ilustrar essa realidade, tomamos como exemplo a poesia de Elicura Chihuailaf que ilustra muito bem essa realidade. O diálogo idiomático representa a preocupação que os poetas mapuches têm de levar adiante a história de seu povo, preservar seu idioma mapudungun registrando por meio de suas poesias e escritos, a inserção da literatura mapuche no cânone literário chileno.

Na literatura chilena global, os escritores mapuches acentuaram a problemática étnica que tem caracterizado a poesia das últimas três décadas e, junto com ela, a participação na gestação e desenvolvimento do discurso poético, que transgride os princípios de singularidade e homogeneidade que regem a codificação artística de textos na tradição europeia. Dentro deste discurso incluíram uma dinâmica intercultural que tem dado origem a um procedimento singular que forma parte da estratégia da codificação plural do texto poético de duplo registro (mapudungun e espanhol).

Partindo da possibilidade de que os escritos, a poesia oral e escrita mapuche ao serem oralizados e escritos em mapudungun e espanhol possuem uma dinâmica intercultural que proporciona uma colaboração para a revitalização do idioma mapudungun e reconhecimento dos saberes mapuches, é possível pensar que a estratégia usada pelos poetas, pode agregar, mudanças significativas no processo de reconhecimento de integração latino americana.

A luta pela oficialização do mapudungun e o reconhecimento dos saberes educativos mapuches presentes na poesia mapuche, representam muito mais que uma dinâmica intercultural e de resgate cultural e identitário, servem de exemplo de luta pelo reconhecimento e construção de uma nova sociedade latino americana, nascida do plurilinguismo, das relações interculturais entre povos distintos que



possuem a língua como uma das ferramentas para avançar no processo latino americano de integração e reconhecimento da diversidade existente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBÓ, C. Xavier Barrios; SUVELZA, Franz X; El estado del Estado en Bolivia. Por una Bolivia plurinacional e intercultural con autonomías; IDH Bolivia, septiembre de 2006.

BENGOA, José; Artículo: Memoria, Oralidad y Escritura; Revista Docencia, Chile N° 37 MAYO 2009.

BENGOA, José; Artículo: En busca de la verdad histórica, marzo de 2005. Información disponible en el sitio: ARCHIVO CHILE, Web del Centro Estudios "Miguel Enríquez", CEME: <http://www.archivochile.com>

BENGOA, José; Conquista y Barbárie, Ensayo crítico acerca de la conquista de Chile Santiago de Chile: Ediciones Sur,1992.

BENGOA, José; Historias Del Pueblo Mapuche, Siglo XX y XXI; Santiago, Chile; Ediciones Sur Colección Estudios Historicos, 1996.

BENGOA, José; Historia de un conflicto. El Estado y los mapuches durante el siglo XX; Editora Planeta, 2 edição, 2002.

BENGOA, José; Nación y Desigualdad en Chile; Editora Catalonia 2009.

BORGES, Luiz C.; A fala instituinte do discurso mítico. Tese de Doutorado, Universidade de Campinas, 1999.

CANTONI, Wilson; Relaciones del mapuche con la sociedad chilena en Raza y clase en la sociedad post colonial. Madri: UNESCO; 1978.

CARRASCO, M.Iván. Artigo para la revista Estudios Filológicos, N° 35, 2000, p. 139-149.

CARRASCO, M. Iván. 1990. "Etnoliteratura mapuche y literatura chilena: relaciones". Actas de Lengua y Literatura Mapuche 4: 19-27.

CATRILEO, María; Revitalización de la lengua mapuche en Chile; Documentos Lingüísticos y Literários28: 1-17; 2005.

[www.humanidades.uach.cl/documentos\\_linguisticos/document.php?id=86](http://www.humanidades.uach.cl/documentos_linguisticos/document.php?id=86)

CHIHUAILAF, Elicura; DVD, A orillas de un sueño Azul, Documental patrocinado por la Dirección de Bibliotecas: Archivos y Museos a través del Premio Fidel Sepúlveda Llanos 2009.

CHIHUAILAF, Elicura; De Sueños Azules y Contra Sueños; Huelga & Fierro, 2002.

CHIHUAILAF, Elicura; *En el país de la memoria. Maputukulpakey*, con algunos poemas en mapudungun; autoedición, Quechurewe-Temuco, 1988.

CHIHUAILAF, Elicura; MILLAMÁN, Rósamela; DEVALPO, Alain; MASSARDO, Jaime; RUIZ, Carlos. Historias y luchas del pueblo mapuche; Editora Aún Creemos en los sueños Santiago, Chile; 2008.

CHIHUAILAF, Elicura; La palabra: sueño y flor de América. Adelanto de una muestra de Oralitura Indígena de América, 1997.

CONVENIO 169 de la OIT

DIÁRIO LIBERDADE; Lengua/Educacom; Mapuches piden oficialización del mapudungun como idioma en Araucanía; Publicación 22 de febrero de 2013.  
<http://www.diarioliberalde.org/america-latina/lingua-educacom/35917-mapuches-pedem-oficializa%C3%A7%C3%A3o-do-mapudungun-como-idioma-da-araucania.html>.

DOCUMENTAL, El Despojo; Compañía de Films Chile, Ceibo Producciones de 2004. Información disponible en el sitio: <https://www.youtube.com/watch?v=1abY6tdNtko>

DUSSEL, Enrique. 1942: O encobrimento do outro. São Paulo: Vozes, 1993.

ENCIMA, Francisco Antonio; Nuestra Inferioridad Económica, Imprenta Universitaria, 1912.

EL DIÁRIO DE AYSÉN; Elicura Chihuailaf el poeta de alma azul, 30/12/1996.

EL MERCÚRIO; Elicura Chihuailaf: Poeta Azul de la Tierra, 21/09/1996.

EL MERCÚRIO; El idealismo mágico de un poeta mapuche chileno, 21/09/1996.

ENTREVISTA, en Biobío TV con Beatriz Pichi Malen, 2014; Los Mapuche somos un solo pueblo en uno y otro lado de la cordillera. Información disponible en el sitio: <http://www.biobiochile.cl/2014/nov/28/beatriz-pichi-malen-los-mapuche-somos-un-solo-pueblo-en-uno-y-otro-lado-de-la-cordillera.shtml>

ESPINOZA, Cristina; El 25% de las lenguas del mundo está en peligro de desaparecer; 4/09/2014  
<http://www.latercera.com/noticia/tendencias/2014/09/659-594330-9-el-25-de-las-lenguas->

LEY Indígena de Chile 19253.

FERREIRA, Marieta de Moraes; Usos e Abusos da Historia Oral. Editora FGV, 1999.

FISCHER, Rosa Maria Bueno; Foucault e a Análise do Discurso em Educação; Faculdade de Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
<http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>

FREIRE, Paulo; Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários À Prática Educativa - 43ª Ed. 2011.

GRABE, María Ester; Meli-witran-mapu: Construcción simbólica de la tierra en la cultura mapuche; 1972

HAUGHNEY D y Marimán; Población Mapuche:Cifras y Criterios, Temuco:Centro de Estudios y Documentación Mapuche Liwen.

HISPAN TV; Reportaje presentada en el día 29/04/2014  
<https://www.youtube.com/watch?v=eWYqbsFDIhA>

HISPAN TV; Reportaje presentada en el día 21/02/2015  
<https://www.youtube.com/watch?v=oguXfR-GqqM>

KURVF, Peñi; Cuentos y poesías mapuches. Ediciones El Horizonte Producciones Periodísticas,2007.

LA TERCERA revista; El 25% de las lenguas del mundo está en peligro de desaparecer; Publicación setiembre de 2014.

<http://.latercera.com/noticia/tendencia/2014/09/659-594330-9-el-25-de-las-lenguas-del-mundo-esta-en-peligro-de-desaparecer.shtml>

LEY Indígena de Chile 19253.

MAPUEXPRESS revista; Entrevista Patricia Moscoso con Elicura Chihuailaf, 8 de mayo, 2012.

Fuente [www.carcaj.cl](http://www.carcaj.cl), <http://www.mapuexpress.net/content/news/print.php?id=8544>

MAINGUENEAU, Dominique; L'Analye du discours-Introduction aux lectura de l'archive.Paris Hachette,1991.

MERINO, Ximena Antonia Díaz; Poesía en Doble Registro; Una estrategia política de resistencia cultural del pueblo Mapuche; Revista de Literatura, Historia y Memoria, volumen 9, n°14,2013.

MIGNOLO, W; "Occidentalización, imperialismo, globalización: herencias coloniales y teorías poscoloniales". *Revista Iberoamericana*, 1995

MIGNOLO, W. "Herencias coloniales y teorías poscoloniales". In: González Stephan,Beatriz.*Cultura y Tercer Mundo: 1.Cambios en el Saber Académico*. Cap. IV, 99-136. Venezuela: Nueva Sociedad,1996.

MIGNOLO, W. *Historias locais/Projetos globais : Colonialidade, saberes subalternos e pensamento limiar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MOENS,J.A; Poesia Mapuche: Expresiones de Identidad; Tesis de licenciatura; Departamento de Lingüística y Literatura Hispánicas Universidad de Utrecht, 1999.

NEWMAN, Elisabeth Noelle; Gedisa, Barcelona, 1992. La espiral del silencio. Opinión pública: nuestra piel social, Paidós. Barcelona, 1995 (capítulos 20 y 21).

ORLANDI, Eni; Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes.

ORLANDI, Eni; Artículo Mito y Discurso, publicado en la Revista Antropológica vol. 27 pag.263-270 de 1984.

ORLANDI, Eni; História das idéias lingüísticas: construção do saber metalingüístico e onstituição da língua nacional. Campinas: Pontes ; Cáceres-MG: Unemat Editora 2001.

ORLANDI, Eni; Política Lingüística na América Latina. Campinas-SP: Pontes 1988.

QUIJANO, Aníbal; Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas

latino-americanas. Edgar Lander (org.). Buenos Aires: Coleção Sur, CLACSO, 2005.

QUIJANO, Aníbal; Colonialidade el poder y clasificación social. En: El giro descolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más Allá del capitalismo global. CASTRO, S; GROSFUGUEL, R. (org). Bogotá: 2007.

RAMIREZ, Boris; Colonialidade, Interculturalidade e Educação:desdobramento na relação do povo Mapuche e o Estado do Chile. Dissertação de Mestrado em Educação, da UFSC, 2012.

RÍOS, Rodrigo Andrés Van Bebber; Estado-Nación y “conflicto mapuche”: aproximación al discurso de los partidos políticos chilenos. Buenos Aires: Clacso 2002.

RODAS, José Javier; Crônicas de la tierra sin mal; Publicación de 06/03/2015. <http://cronicassinmal.blogspot.com.br/2015/03/porque-importa-la-muerte-de-las-lenguas-indigenas>.

SAUSSURE, Ferdinand de; Curso de lingüística geral; Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2006

SOTO, Elba; Hacia la Interculturalidad: Primeros Pasos; Colección Espiral Social; Primera Edición, Octubre 2014.

VENEGAS, Alejandro (Con el seudónimo de Dr.J. Valdes Cange); Sinceridad, Chile Íntimo en 1910;Imprenta Universitaria,1910.

WALSCH, Catherine; Artículo: Cultura, Identidad y Derechos Humanos, febrero de 2012.

WALSCH, Catherine; Interculturalidad crítica y educación intercultural. In: Seminario Interculturalidad y Educación Intercultural.

ZATTI, Vicente; Autonomia e Educação em Immanuel Kant e Paulo Freire; Porto Alegre: EDIPUCRS 2007